



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA**

VANÚSIA ALVES SOUZA CARINHANHA

**DIREITO À EDUCAÇÃO E LUTA SOCIAL:
o Território Águas do Velho Chico/PE e a educação
quilombola**

SANTA MARIA DA BOA VISTA – PE

2023

VANÚSIA ALVES SOUZA CARINHANHA

**DIREITO À EDUCAÇÃO E LUTA SOCIAL:
o Território Águas do Velho Chico/PE e a educação
quilombola**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso referente a Licenciatura em Matemática, *Campus* Santa Maria da Boa Vista do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Moraes Marinho

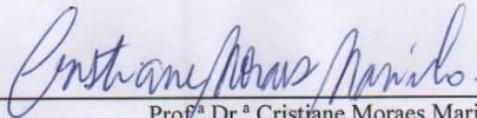
SANTA MARIA DA BOA VISTA – PE

2023

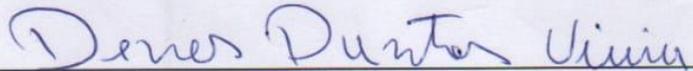
VANUSIA ALVES SOUZA CARINHANHA

**DIREITO À EDUCAÇÃO E LUTA SOCIAL: o Território Águas do Velho Chico/PE
e a educação quilombola**

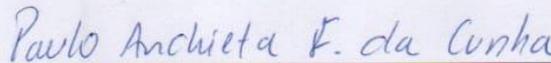
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado na modalidade monografia referente a Licenciatura em Matemática, *Campus* Santa Maria da Boa Vista do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de licenciada em Matemática, sendo a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as):



Prof.^a Dr.^a Cristiane Moraes Marinho
Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano – IFSertãoPE
Orientadora



Prof. Dr. Denes Dantas Vieira
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF
Avaliador Externo



Prof. Me. Paulo Anchieta Florentino da Cunha
Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano – IFSertãoPE
Avaliador Interno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C277 Carinhanha, Vanúzia Alves Souza.

Direito à educação e luta social : o Território Águas do Velho Chico/PE e a educação quilombola / Vanúzia Alves Souza Carinhanha. - Santa Maria da Boa Vista, 2023.
94 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) -Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Santa Maria, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Cristiane Moraes Marinho.

1. Educação. 2. Educação Quilombola. 3. Direito. 4. Território Quilombola. 5. Processo de luta. I. Título.

CDD 370

A minha mãe e familiares, a meu companheiro, meu filho Deyvid, que acreditaram e me incentivaram a não desistir dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sabedoria e entendimento, por estar sempre ao meu lado me dando força e me fazendo persistente na caminhada, pelo seu infinito amor e cuidado para com a minha pessoa.

A minha família que esteve sempre ao meu lado me incentivando e me ajudando na caminhada, por toda compreensão quando tive que me ausentar devido aos estudos.

Agradeço a minha orientadora, professora Cristiane Moraes Marinho, pela paciência, incentivo e orientação, pelos conhecimentos compartilhados e toda contribuição com a minha formação educacional.

Agradeço ao Instituto Federal Campus Santa Maria da Boa Vista, pelo ensino de qualidade, pelos professores que contribuíram com a minha aprendizagem e formação acadêmica.

Ao Território Águas do Velho Chico, por ter despertado em mim o desejo de desenvolver essa pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todos que acreditaram em mim, contribuíram com a minha formação.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Paulo Freire)

RESUMO

DIREITO À EDUCAÇÃO E LUTA SOCIAL: O TERRITÓRIO ÁGUAS DO VELHO CHICO/PE E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Este trabalho discute acerca do direito a educação escolar quilombola, lutas e conquistas, no Território Quilombola Águas do Velho Chico localizado no município de Orocó-PE. A problemática consiste em entender como se deu ao longo do tempo a luta pela educação quilombola no Território Águas do Velho Chico. O estudo teve como objetivo geral compreender o processo de conquista, pelo direito à educação quilombola no Território Águas do Velho Chico. A pesquisa foi realizada no Território Quilombola águas do Velho Chico, situado no município de Orocó, situado no estado de Pernambuco. O estudo foi desenvolvido no próprio Território, no período de 18 de abril a 08 de maio, tendo como participantes 06 (seis) moradores do referido Território, mais especificamente lideranças fortemente ligadas ao processo de luta pelos diretos quilombolas. Em termos metodológicos esse trabalho foi caracterizado como uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, para coleta de dados foram utilizados instrumentos como: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e entrevista semiestruturada. A análise inclui discussões realizadas acerca dos resultados adquiridos a partir da pesquisa de campo, que buscou informações diretamente com os/as participantes da entrevista semiestruturada. De modo geral, compreendeu-se que o processo de conquista pelo direito a educação quilombola no Território Águas do Velho Chico, foi fruto da luta social dos moradores que partiu do processo educacional popular na busca pela valorização de suas raízes culturais e identitárias, sendo a educação quilombola forte aliada no processo de luta e desenvolvimento do referido Território.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Direito. Território Quilombola. Processo de luta.

ABSTRACT

RIGHT TO EDUCATION AND SOCIAL STRUGGLE: THE TERRITORY ÁGUAS DO VELHO CHICO/PE AND QUILOMBOLA EDUCATION

This work discusses the right to quilombola school education, struggles and achievements, in the Quilombola Territory Águas do Velho Chico located in the municipality of Orocó-PE. The problem is to understand how the struggle for quilombola education in the Águas do Velho Chico Territory took place over time. The general objective of the study was to understand the process of conquering the right to quilombola education in the Águas do Velho Chico Territory. The research was carried out in the Quilombola Territory Águas do Velho Chico, located in the municipality of Orocó, state of Pernambuco. The study was carried out in the Territory itself, from April 18th to May 8th, with participants (6) residents of the said Territory, more specifically leaders strongly linked to the process of fighting for quilombola rights. In methodological terms, this work was characterized as exploratory and descriptive research with a qualitative approach. Instruments such as bibliographic research, field research and semi-structured interviews were used to collect data. The analysis includes discussions held about the results acquired from the field research, which sought information directly from the participants of the semi-structured interview. In general, it was understood that the process of conquest, for the right to quilombola education in the Águas do Velho Chico Territory, was the result of the social struggle of the residents that started from the popular educational process in the search for the rescue of their cultural and identity roots, being quilombola education is a strong ally in the process of struggle and development of the said Territory.

Keywords: Quilombola Education. Right. Quilombola Territory. Fighting process.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Mapa da Localização das Comunidades do Território Águas do Velho Chico.....	28
2	Margens do Rio São Francisco Comunidade Quilombola Vitorino.....	37
3	Plantação de Goiabeira.....	39
4	Plantação de Acerola.....	39
5	Plantação de Bananeira.....	40
6	Plantação de Macaxeira.....	40
7	Festejo do Reisado.....	43
8	Roda de São Gonçalo.....	44
9	Celebração de Novena em uma Casa de Família.....	45
10	Pé de Juazeiro.....	47
11	Idoso do Território Contribuindo com o Ensino.....	48
12	Idosa do Território no Espaço Escolar.....	50
13	Aula de Campo Embaixo de um Pé de Algaroba.....	50
14	Aula as Margens do Rio São Francisco.....	51
15	Piquenique ao Ar Livre.....	51
16	Aula de Campo com Idosa do Território.....	52
17	Visita a Casa de Farinha.....	52
18	Projete de Leitura: leitura vai, leitura vem, eu leio e o meu quilombo também.....	54
19	Novembro Negro.....	54
20	Prédio da Associação dos Quilombolas do Vitorino.....	57
21	Selo da UNESCO.....	60
22	Escola Quilombola Águas do Velho Chico.....	70
23	Calendário Escolar 2023.....	72

LISTA DE QUADRO

1	Participantes da Entrevista.....	30
---	----------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IFSertãoPE – Instituto Federal do Sertão Pernambucano

ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

ASCOQUIVI – Associação Comunitária dos Quilombolas do Vitorino

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEDC – Centro de Desenvolvimento de Educação Comunitária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

MPF – Ministério Público Federal

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNHR - Programa Nacional de Habitação Rural

PPP – Projeto Político Pedagógico

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TCIV - Termo de Consentimento de Uso de Imagem e Voz

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIVVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
	2.1 Quilombos do Brasil: histórico e situação atual	16
	2.2 O Território Quilombola Águas do Velho Chico: contextualização.....	21
	2.3 Educação quilombola: direito e concepções	23
3	METODOLOGIA	26
	3.1 Locus da pesquisa.....	27
	3.2 Participantes	29
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
	4.1 Território Quilombola Águas do Velho Chico e o processo de identificação.....	31
	4.2 Território Quilombola Águas do Velho Chico aspectos culturais e educacionais	38
	4.3 As principais lutas do Território Quilombola Águas do Velho Chico	55
	4.4 Conquistas advindas da luta quilombola	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	82
	APÊNDICE	84
	ANEXOS	90

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi motivado pelo desejo de discutir a luta por direito à educação quilombola, no Território Águas do Velho Chico. Espaço rico em conhecimentos tradicionais, crenças e valores, o interesse pela realização desta pesquisa surge pela inserção da própria pesquisadora no Território e pelas suas percepções e processos formativos, ao longo de suas vivências, tendo como inquietação a curiosidade acerca da educação trabalhada atualmente no Território, que se diferencia do contexto escolar vivenciado na trajetória escolar da pesquisadora, marcado por invisibilidade da história do seu povo e desvalorização da cultura negra.

Nesse contexto, ao matricular meu filho na escola quilombola, percebi que as atividades que ele realizava eram bem específicas e próximas da nossa realidade, então fui tendo um melhor conhecimento da educação quilombola, ao cursar a disciplina Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) optei por realizar meu estágio na Escola Quilombola Águas do Velho Chico, onde tive uma maior aproximação com o contexto educacional do Território, percebendo mudanças no ensino aprendizagem, advindas da educação quilombola praticada no Território.

Nesse sentido, pelo meu pertencimento à comunidade remanescente de quilombo, a cultura negra e pelo fato de me reconhecer enquanto mulher preta, senti a necessidade de contribuir, por meio dessa pesquisa, com o espaço ao qual pertenço, reconhecendo a importância da educação quilombola na valorização e reconhecimento do meu povo.

As comunidades remanescentes de quilombos estão presentes em quase todos os estados brasileiros, suas formações são reflexos da resistência negra a escravidão, período marcado por muita opressão e desumanidade, que teve bastante impacto na vida do povo negro, pois durante muito tempo foram escravizados, oprimidos, mortos, invisibilizados e excluídos como humanos e cidadãos de direitos sociais. É importante reforçar que, atualmente, ainda existe uma constante luta da população negra, especificamente das comunidades quilombolas contra o preconceito, pela valorização das suas identidades, por direito à terra, ao acesso à educação, a saúde e a valorização de suas raízes afrodescendentes.

Assim, a temática dessa pesquisa, também é relevante no sentido do reconhecimento da importância da educação quilombola, nos processos de pertencimento identitário, pois por muito tempo o acesso à educação foi algo restrito, ofertado a uma pequena parte da população,

nesse sentido, a luta pela educação específica quilombola se torna necessária para a valorização cultural Quilombola.

A educação é um instrumento transformador, que possibilita novos horizontes e consegue alcançar um maior número de pessoas ao mesmo tempo. Nesse sentido a grande questão colocada por essa pesquisa foi: Como se deu, ao longo do tempo, a luta pela educação quilombola no Território Águas do Velho Chico?

Como ressaltado, a pesquisa partiu de uma problemática que se relaciona a minha trajetória escolar, formação acadêmica, pertencimento ao Território Quilombola Águas do Velho Chico e da educação quilombola atuante no Território. Partindo dessa perspectiva buscou-se ao longo desse estudo resposta para tal questão.

Desse modo, o presente estudo discute os resultados de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa desenvolvida no Território Quilombola Águas do Velho Chico, localizado no interior da cidade de Orocó-PE, constituído por cinco comunidades Quilombolas: Mata de São José, Caatinguinha, Remanso, Umburana e Vitorino.

Buscando resposta para tal problemática foi formulado como objetivo geral: Compreender o processo de conquista, pelo direito a educação quilombola no Território Águas do Velho Chico, desse modo, o mesmo deu margem aos seguintes objetivos específicos: identificar aspectos históricos e culturais do Território Quilombola Águas do Velho Chico; apontar os principais agentes na luta pela educação quilombola; conhecer as principais conquistas do Território Quilombola Águas do Velho Chico; analisar as contribuições da educação quilombola na valorização do Território Águas do Velho Chico; relatar as principais dificuldades do processo de luta pelo direito a educação quilombola no Território Águas do Velho Chico.

Esta pesquisa, possui grande relevância, para o Território Quilombola Águas do Velho Chico e para comunidade científica, pois parte de um estudo acerca da educação conquistada por esse Território, traz elementos e informações que discutem o contexto histórico, cultural, educacional, bem como as lutas e conquistas. Desse modo, esse estudo pode despertar interesse para escrita de outros trabalhos acadêmicos que discutam a educação quilombola no contexto desse Território.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi realizada no Território Quilombola Águas do Velho Chico pertencente ao município de Orocó-PE, no período de 18 de abril a 08 de maio de 2023, utilizando-se de metodologia exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa utilizando a técnica “bola de neve” e instrumentos como, pesquisas bibliográficas, pesquisa de

campo e entrevistas semiestruturadas. Vale salientar que a pesquisa de campo foi importante para o levantamento do campo, como também o fato da pesquisadora conhecer e vivenciar o Território, o estudo traz elementos da própria trajetória da pesquisadora para contribuir com algumas das percepções.

Os resultados de forma geral, apontam que o processo de conquista ao direito a educação quilombola no Território Águas do Velho Chico, partiu da luta coletiva dos moradores, após o reconhecimento das comunidades Mata de São José, Caatinginha, Remanso, Umburana e Vitorino, como remanescentes de quilombo. A conquista a educação quilombola é tida como uma das mais importantes para o referido povo, pois contribuiu com a valorização do histórico-cultural e com o fortalecimento da luta quilombola no Território.

Estruturalmente esse trabalho está organizado em introdução, referencial teórico com três seções, tais quais, na primeira, Quilombos do Brasil: histórico e situação atual; segunda, o Território Quilombola Águas do Velho Chico: contextualização e na terceira, Educação Quilombola: direito e concepções, as seções citadas foram fundamentadas por meio de aportes teóricos de autores que discutem acerca do tema da pesquisa. Na sequência, temos a indicação dos caminhos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa, tais como, lócus da pesquisa e participantes, seguidos dos resultados e discussões que didaticamente foram divididos em quatro seções, tais quais: a primeira, Território Quilombola Águas do Velho Chico e processo de identificação; segunda, Território Quilombola Águas do Velho Chico aspectos culturais e educacionais; terceira, as principais lutas do Território Quilombola Águas do Velho Chico; quarta, Conquistas advindas da luta Quilombola, seguido das considerações finais, referencias, apêndices e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Quilombos do Brasil: histórico e situação atual

Os quilombos estão presentes em quase todo Território brasileiro¹, a formação destes tem bastante relação com o período escravista brasileiro², sendo sua formação ligada à busca pela liberdade.

Nesse sentido, não dá para pensar em Quilombolas sem pensar em luta pela liberdade, pelo direito a terra, a valorização cultural e social, pois esses pontos são cruciais.

Conforme Moura (1993, p. 11):

Quilombo era, segundo definição do rei de Portugal, em resposta a consulta do Conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740, “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados se achem pilões neles”. Dessa forma, no Brasil, como em outras partes da América onde existiu o escravismo moderno, esses ajuntamentos proliferaram como sinal de protesto do negro escravo às condições desumanas e alienadas e que estavam sujeitos.

A forma desumana a qual os negros eram tratados, causava revolta, pois os escravizados não eram vistos como seres humanos, pois todos os direitos lhes eram negados, eram tratados como objeto de trabalho e mercadoria a ser comercializada. Por não aceitarem toda opressão, muitas vezes, o que lhe restavam era fugir, então a fuga arriscada devido às perseguições e torturas, para eles era a esperança de liberdade, pois, se conseguissem fugir, poderiam viver livres, praticando sua cultura e religião, assim:

No Brasil, o quilombo marcou sua presença durante todo o período escravista e existiu praticamente em toda a extensão do território nacional. À medida que o escravismo aparecia e se espalhava nacionalmente, a sua negação também surgia como sintoma da antinomia básica desse tipo de sociedade. (Moura, 1993, p.13).

Esse mesmo autor, ressalta que a revolta dos escravizados foi importante, pois ocorreu a revisão na história do Brasil, em relação a importância dos quilombos e sua influência na sociedade brasileira. Devido a manifestações nacionalmente contra o escravismo e as condições

¹ Com exceção dos estados do Acre e Roraima.

² A escravidão no Brasil teve início no século XVI. Um dos primeiros navios com negros escravizados chegou à Salvador em 1535. O processo de escravização durou cerca de 353 anos, findando-se legalmente com a Lei Áurea em 13 de maio de 1888.

de vida que eram sujeitados, assim, Moura (1993) enfatiza que no Brasil, assim como em outros países, o escravismo moderno existiu, os negros escravizados se revoltaram, sendo que:

A quilombagem foi apenas uma das formas de resistência. Outras, como o assassinio dos senhores, dos feitores, dos capitães-do-mato, o suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas e as insurreições urbanas se alastravam por todo o período. Mas, o quilombo foi a unidade básica de resistência do escravo. (Moura, 1993, p.13 - 14).

Nesse sentido, a formação de quilombo foi o passo inicial da luta e organização do negro escravizado. A formação de quilombo foi algo que repercutiu em todos os estados brasileiros, nem mesmo as torturas extremamente violentas, impediam a fuga dos negros, pelo contrário essas atitudes só causavam mais revolta e os faziam cada vez mais resistentes. Esses povos passaram a desenvolver relações harmônicas com a natureza, pois dela retiravam o alimento que garantia sua sobrevivência, tudo isso contribuiu para o aumento dos grupos de Quilombolas, que passaram a crescer cada vez mais. (Moura,1993).

O quilombo de Palmares¹ teve bastante influência nas organizações contra o escravismo, segundo (Moura, 1993, p.38) “Palmares foi a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo na América Latina. Durou quase 100 anos e, durante esse período desestabilizou regionalmente o sistema escravocrata”.

O quilombo era refúgio de muitos elementos marginalizados pela sociedade escravista, independentemente de sua cor. Era o exemplo da democracia racial de que tanto se fala, mas nunca existiu no Brasil, fora das unidades quilombolas. (Moura, 1993, p.37).

A história do povo negro sempre esteve ligada a resistência ao escravismo, período que causou bastante revolta, pela marginalização e opressão que os negros eram submetidos, a formação dos quilombos a partir das fugas individuais ou coletivas foi uma das formas de resistência que mais se destacou na luta contra o escravismo, a desvalorização social e racial, são marcas deixadas pelo escravismo bastante visíveis nos dias atuais.

¹ O Quilombo do Palmares, esteve localizado entre Alagoas e Pernambuco. Este, já existia em começos do Século XVII. “Negros fugidos ao cativo procuravam a liberdade nas florestas dos Palmares - um "cordão de mata brava" que se estendia das vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, até a zona ao norte do curso inferior do São Francisco, em Alagoas. O nome de Palmares provinha da extraordinária abundância da palmeira pindoba (Palma Attalea Pindoba) [...] A peculiaridade de Palmares, entre os muitos quilombos do Brasil, está em ter vivido por quase todo um século, não obstante as dezenas de expedições que os brancos enviaram para reduzi-lo” (Carneiro, 1958, p. 44; 32).

Vale ressaltar que o reconhecimento negro sempre foi um dos princípios da luta quilombola, mesmo com o fim da escravidão, o direito a identidade e a terra ainda são reivindicados, pois para os povos tradicionais esses direitos são essenciais para ressignificação e perpetuação de sua história. (Almeida; Nascimento, 2022). Os quilombos são espaços de formação social, que contribuíram de forma significativa contra o escravismo.

Os quilombos transcenderam os limites e o contexto da escravidão, pois continuam existindo e resistindo no Brasil pós-escravista enquanto espaços coletivos de memória, de tradição e de modos de produção que esbarram no modelo econômico hegemônico da zona rural e urbana brasileira. A organização dos quilombos do Brasil contemporâneo não corresponde mais à formatação dos quilombos do passado. (Almeida; Nascimento, 2022, p. 950).

Os quilombos continuam sendo espaços de resistência, que possuem características peculiares e lutam de forma organizada pelo reconhecimento de seu povo.

Atualmente o termo quilombo é definido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como:

Uma categoria jurídica usada pelo Estado brasileiro a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, visando assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. Nesse sentido, há outras terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros. (INCRA, 2017, p.4).

De acordo com o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003, são considerados remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, que detenham relações territoriais específicas, com ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Cujas caracterização é atestada mediante a autodefinição da própria comunidade.

A consciência da identidade coletiva é algo bastante importante, O INCRA ressalta que comunidade é todo espaço que possui características sociológicas comuns, no parentesco, organização social, nas atividades produtivas e reprodutivas, na preservação da cultura, nas relações territoriais específicas e principalmente no pertencimento a ancestralidade negra, esses aspectos influenciam fortemente no processo de identificação de comunidades quilombolas.

Vale salientar que a identidade quilombola assume vertentes individual e coletiva, individual, pois depende da consciência pessoal de cada sujeito em reconhecer-se como quilombola, ou seja, a autoidentificação, além do reconhecimento de maneira coletiva, pois

para ser aceito como membro de uma comunidade, o mesmo precisa de uma aprovação, de acordo com critérios de pertencimento estabelecidos coletivamente pelo grupo. (INCRA, 2017)

Existe todo um processo até a certificação das comunidades, para tanto, alguns aspectos são observados, como: a forma de organização social, as relações simbólicas com a terra, os valores cultivados pela comunidade, a identificação e pertencimento individual e coletivo, vale salientar que a população quilombola é responsável por perpetuar sua tradição de geração em geração, para que essa cultura não seja esquecida ao longo dos anos (INCRA, 2017).

A Constituição determina que cabe ao Estado brasileiro a tarefa de reconhecer e expedir os títulos aos remanescentes das comunidades quilombolas (artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais e Transitórias - ADCT). Cabe ao INCRA titular os territórios quilombolas localizados em terras públicas federais ou que incidem em áreas de particulares (Decreto 4887/2003). (INCRA, 2017, p.9).

A regularização e titulação de comunidades quilombolas, passa por diversos processos, tais como, identificação e delimitação do território quilombola, em que é realizado um Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), o mesmo aborda diversas informações importantes sobre a área reivindicada. É feito também um relatório antropológico que caracteriza a comunidade e a região em que se encontra. Depois é feita a publicação do edital referente ao resumo elaborado no Diário Oficial da União e do Estado, e fixado na sede da prefeitura municipal que o território identificado está situado. Depois ocorre o processo de regularização fundiária, em que serão julgadas as contestações e recursos apresentados, em seguida terá a fase de conciliação de interesses com outros órgãos. Após todas estas fases citadas é realizado o reconhecimento do território, com publicação de Portaria declarando os limites do território quilombola. (INCRA, 2017).

A regularização de terras quilombolas, perpassa por diversas etapas que acontecem de forma lenta retardando a conquista do direito a terra. De acordo com Almeida e Nascimento (2022, p.951), “o processo de regulamentação de uma terra quilombola é burocrático e lento, pois ele abarca ao menos cinco etapas: identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e, finalmente, a titulação das terras”. Nesse sentido, as autoras destacam que, a participação da população quilombola é fundamental, no que diz respeito aos processos e discussões relacionados a estrutura fundiária no Brasil.

Vale ressaltar que a titulação de terras quilombolas têm bastante importância para o povo negro, pois garante a liberdade, o direito de construção e reconstrução de sua história, a

valorização da cultura e ancestralidade, o cuidado e respeito com a terra, o acesso a políticas públicas específicas, assim como, saúde, educação e lazer. (Almeida; Nascimento, 2022)

Nesse sentido, o direito à terra é fundamental para a sobrevivência da população quilombola, bem como o reconhecimento de sua história, cultura e resistência ao sistema escravista. Essa conquista é algo bastante importante, pois contribui com a melhoria de vida, o desenvolvimento sustentável e a valorização dos quilombolas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o Brasil possui uma quantidade significativa de localidades quilombolas.

O censo de 2022, pela primeira vez permitiu que a população que se considera quilombola se identificasse como tal, algo bastante importante, para o reconhecimento da população quilombola existente, que por muitos anos lutam por reconhecimento e acesso a políticas públicas que possam contribuir com o desenvolvimento de seus territórios (IBGE,2022).

A partir do Censo de 2022, pode-se ter uma melhor compreensão da quantidade de pessoas que se autodeclaram Quilombolas no país, essa pesquisa foi bastante importante para a população quilombola que se encontra presente em quase todos os estados brasileiros e que pela primeira vez tiveram esse direito de escolha, que é a identificação Quilombola.

Dados divulgados em 2023 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao Censo de 2022, aponta que, mais de 1,3 milhões de pessoas se autodeclaram quilombolas e estão em quase 1,7 mil cidades, situadas em todas as regiões brasileiras, com maior número a região nordeste, tendo quase 70%, o censo mostrou que a Bahia e o Maranhão possuem, o maior número de quilombolas, os dados apontam ainda que em 1.696 cidades do Brasil tem residentes quilombolas e que a metade dessa população está em 110 cidades do Brasil. Vale destacar que, a cidade de Orocó situada no estado de Pernambuco com população total de 13.613, sendo que 1.764 são Quilombolas (Velasco, 2023).

Houve e ainda há, todo um processo de luta quilombola, pelos direitos adquiridos, muitos chegaram a perder a vida lutando pela libertação do povo negro, a aceitação desses povos como cidadãos de direitos na sociedade ainda caminha em passos lentos, é inaceitável que, em dias atuais a população negra ainda sofra com o preconceito racial, a desvalorização cultural, a desigualdade social entre outras formas de vulnerabilidade, impostas pela sociedade. Vale ressaltar que existe uma dívida histórica com os que foram escravizados (Moura, 1993).

2.2 O Território Quilombola Águas do Velho Chico: contextualização

O Território Quilombola Águas do Velho Chico, localizado no interior do município de Orocó-PE, situado às margens do rio São Francisco, é formado por cinco comunidades quilombolas: Mata de São José, Caatinguinha, Remanso, Umburana e Vitorino, todas essas comunidades são próximas e possuem características comuns.

Segundo o laudo antropológico o território conta com uma população média de 473 famílias, distribuídas nas (05) comunidades, sendo na Mata de São José (hoje em média de 60 famílias e 2005 pessoas), na Caatinguinha em torno de 70 famílias e 302 pessoas); Umburana (em média de 101 famílias, 443 pessoas); Vitorino (com aproximadamente 112 famílias, e 387 pessoas); Remanso (Com aproximadamente 130 famílias e 435 pessoas), todos esses dados foram coletados entre os anos de 2012 e 2014, período de realização do Laudo Antropológico do território. Atualmente estima-se que estes dados possam ter sofrido alteração. (Pereira, 2019, p. 25 - 26).

Essas comunidades são fortemente enraizadas em seus costumes e cultura que é passada de geração em geração, em cada comunidade é possível perceber a relação familiar dos moradores, a forma de organização das moradias e vilas é basicamente formada por graus de parentescos. O rio São Francisco é fonte de vida para a população quilombola do Território Águas do Velho Chico, pois a principal fonte de renda dessas famílias é a agricultura familiar irrigada.

Esse Território, também possui outras fontes de renda, segundo (Pereira, 2019, p. 26) “Salários dos poucos moradores que trabalham na prefeitura municipal, autônomos, programas do governo federal Bolsa Família, aposentadorias, pensões e maioria da produção agrícola local”. A cultura do Território Águas do Velho Chico é bem diversificada, cada comunidade tem suas tradições e costumes, a religião predominante nesse Território é a religião católica, sendo que cada comunidade festeja o seu padroeiro.

O processo de reconhecimento das comunidades quilombolas Mata de São José, Caatinguinha, Remanso, Umburana e Vitorino, teve início no ano de 2006, a partir de observações das características comuns das comunidades, ou seja, as observações tiveram início devido questionamentos feitos por professores que atuavam na comunidade Vitorino na Escola Antônio Leandro da Cruz, primeira escola a ofertar ensino fundamental II e atendia os estudantes de outras comunidades vizinhas.

A partir dessas indagações e de conversas com pessoas de outras cidades que tinham conhecimento sobre o termo quilombola, algumas lideranças começaram a buscar informações

a respeito de como as comunidades foram formadas, e levando em consideração a semelhança, constatou-se tratar de comunidades tradicionais. A igreja, escola, lideranças das comunidades e as pessoas mais velhas tiveram grande contribuição no reconhecimento do Território Águas do Velho Chico (Pereira, 2019).

As comunidades quilombolas de Águas do Velho Chico tiveram sua certificação de autodefinição emitida no ano de 2007, segundo os critérios definidos pelo Decreto nº 4887/03, que regulamenta a questão fundiária das terras ocupadas pelas comunidades quilombolas e seus critérios de autodefinição. (Pereira, 2019, p. 28).

A partir do reconhecimento, as comunidades mudaram a forma de se organizar, e passaram a ter conhecimentos dos seus direitos e acesso às políticas públicas (Pereira, 2019).

O Território Águas do Velho Chico, ainda não possui titulação, o processo de reconhecimento das comunidades quilombolas teve início no ano de 2006 por meio de observações feitas no próprio Território, no período de 2012 e 2014 foi realizado o Laudo Antropológico do Território (Pereira, 2019).

O Território Águas do Velho Chico, ainda está no processo de espera, pois o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), a primeira etapa do processo de regularização fundiária, ainda não foi concluída. (MPF, 2022)

O Ministério Público Federal (MPF) conseguiu, na Justiça Federal, decisão liminar que determina à União e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) a finalização do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) e a adoção das providências administrativas necessárias à conclusão do processo de titulação da Comunidade Quilombola Águas do Velho Chico, localizada a cerca de 20 km de Orocó (PE). O caso é de responsabilidade do procurador da República Rodolfo Lopes. De acordo com a decisão, o RTID deverá ser concluído em até 365 dias. Conforme reforçou o MPF em ação civil pública ajuizada em junho, o processo de regularização fundiária se estende há 12 anos, sem que tenha havido sequer a conclusão e publicação do RTID, primeira etapa do processo, de acordo com o Decreto nº 4.887 de 2003, segundo o qual compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por intermédio do Incra, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes dos quilombos. (MPF, 2022, p.1).

Nesse sentido, o Território Águas do Velho Chico espera que o processo de titulação possa ser concluído, para que as comunidades desfrutem desse direito, que esperam há anos.

2.3 Educação quilombola: direito e concepções

A Educação Quilombola no Brasil passou por muitos desafios, por muito tempo o acesso à educação era destinado a uma pequena parte da população.

Fruto de lutas, organizações e reivindicações dos povos negros e dos movimentos sociais quilombolas, hoje a educação escolar quilombola é um direito. Esta é muito importante, pois, busca trabalhar de forma significativa o contexto em que o aluno está relacionado diariamente, preservando a cultura afro-brasileira, assim como sua perpetuação, uma vez que:

Os quilombos foram e continuam sendo espaço com relevância no processo de formação da sociedade brasileira. Traçar reflexões a respeito dos quilombos é apresentar as lutas e resistência da população negra, sobretudo, o processo de formação, suas conquistas e desafios com relação à titulação de terras e reconhecimento de direitos, principalmente, no que tange ao direito a uma política educacional diferenciada. (Barbosa, 2020, p.19).

Nesse contexto , o quilombo desde a sua formação é sinal de resistência, atrelado ao contexto histórico do período escravista, esses espaços são ricos em conhecimentos, em que vários tipos de educação são ensinadas, a aprendizagem acontece naturalmente a partir da convivência, e isso nos leva a refletir a respeito da educação ensinada fora do espaço escolar, nos quilombos a formação educativa não se limita apenas a sala de aula, pois nesses espaços todos os envolvidos são responsáveis por passar os conhecimentos de geração em geração.

A luta por educação específica que valorize a história e cultura das comunidades quilombolas é algo bastante comum, pois infelizmente nem todas as comunidades quilombolas trabalham uma educação específica e significativa (Barbosa, 2020).

O direito a educação específica em comunidades quilombolas, contribui com o reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais, pois possibilita ao povo quilombola uma educação que respeite sua cultura e ancestralidade. Nesse sentido, é necessário que os profissionais educacionais sejam pessoas comprometidas com a luta e pertencentes a esses espaços (Barbosa, 2020).

Segundo Barbosa (2020, p.32), “é importante destacar que a luta e o reconhecimento são dois fatores essenciais para a igualdade de direitos”. Algumas conquistas, por meio de reivindicações do movimento negro foram essenciais para o direito a educação Quilombola específica.

Nesse sentido, a “a Lei Federal 10.639 de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura Africana e Afro-brasileira em todas as escolas do país, seguida da Lei

11.645/08 que acrescenta a cultura e história dos povos indígenas” (Barbosa, 2020, p.44). As referidas leis foram fundamentais no reconhecimento da cultura negra, promovendo:

Uma concepção de educação e aquisição de conhecimentos que vá ao encontro dos interesses emancipatórios que as comunidades quilombolas vêm contribuindo desde o período escravista requer a promoção de uma leitura de mundo que dê ênfase à sua trajetória histórica, como lembrança viva de que o tempo não esvaece a disposição para transformar. Ser Quilombola é estar sempre com as armas da perseverança, sabedoria e solidariedade coletiva. (MEC, 2010, p.149).

Os saberes reproduzidos dentro do quilombo promovem a preservação cultural, desenvolvimento sustentável, que possibilita a geração de renda local, e fortalecimento da identidade étnica das comunidades quilombolas. Neste sentido, as concepções pensadas para a formação curricular, referente ao conhecimento quilombola, devem pensar os saberes instituído e o saber vivido contemplados, afim de provocar a ruptura dos fazeres pedagógicos, que caracteriza o currículo como hierarquia ou grade de conteúdos organizados, visto que, é necessário construir e reconstruir de forma significativa ao espaço físico e símbolo das comunidades quilombolas (MEC, 2010).

A escola é um espaço educacional que por muitos anos, poucas pessoas tiveram acesso, em relação a população negra, esse foi mais um dos direitos negados, atualmente a educação é um direito de todos, e a escola é vista como um espaço de construção e valorização dos conhecimentos, no que se refere a educação quilombola.

Para Curvelo (2018, p. 16) “a Escola possui o objetivo de reafirmar e contribuir para o fortalecimento da identidade étnica dos seus sujeitos, de maneira que não pode em hipótese alguma ser apenas um modelo de instituição para atender a sua clientela”. A autora destaca que é necessário o rompimento de barreiras que impedem a emancipação da escola, e enfatiza que o Projeto Político Pedagógico (PPP) é uma ferramenta muito poderosa (Curvelo, 2018).

Desse modo, a escola na comunidade quilombola necessita se reconhecer enquanto espaço de um grupo étnico e assim elaborar seu plano de ações com base na identidade construída por seus sujeitos, a saber, que nesse processo, o Projeto Político Pedagógico seja também um território simbólico de reivindicações e anseios dos sujeitos que constituem a realidade escolar. (Curvelo, 2018, p.17).

Muitos são os desafios em relação a educação quilombola, pois a mesma trata de algo específico, com muitas peculiaridades, esta, para que seja de fato significativa deve favorecer a cultura e a luta por identidade do povo quilombola (Curvelo, 2018).

Ter direito a educação quilombola, é um sinal de mudança no cenário brasileiro em relação a educação e a inserção dos negros na sociedade, todos os direitos conquistados são frutos da resistência e organização desses povos, que mesmo com a abolição, foram e continuam sendo refém do sistema, vale salientar que o acesso à educação específica ainda é uma realidade distante para muitas comunidades quilombolas.

É necessário que o direito a educação específica seja adquirido por todas as comunidades quilombolas, e que essa educação disponha de matérias específicos, profissionais e formações específicas, para que o ensino possa alavancar a luta quilombola no Brasil. (Carril, 2017). Nesse sentido, a educação pode exercer bastante influência no cumprimento das leis e na aquisição de direitos para população quilombola.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracterizou-se como exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, pois segundo Michel (2009, p. 36) “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo”.

O autor salienta também que na pesquisa qualitativa desenvolvem-se teorias, realizam-se interpretações individuais, narrativas, relatos de experiências, identificam-se expectativas, frustrações, motivos. Abrangendo os significados e explicações que os sujeitos atribuem aos fenômenos.

Outro fato interessante é que a pesquisa qualitativa permite que o/a pesquisador/a participe do processo, compreenda e interprete, e nessa pesquisa esses aspectos serão muito importantes. Outro aspecto que caracterizou esta pesquisa como qualitativa é que, a interpretação das informações levantadas, não foram reduzidas a quantificações frias e descontextualizadas da realidade, pois todo contexto em estudo esteve interligado ao processo de conquista do direito a educação Quilombola. (Michel, 2009).

Teve também, caráter exploratório, pois as pesquisas exploratórias segundo (Gil, 2017, p. 33) visam, “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” Ou seja, o pesquisador pode tornar o problema mais explícito, tendo liberdade para construir hipóteses e considerar os mais variados aspectos relativos ao fato em estudo.

Foi um estudo exploratório também, por se tratar de uma pesquisa em que o pesquisador teve que levantar informações que facilitassem o entendimento da questão em estudo, recolhendo informações e conhecimentos prévios sobre o problema, nesse sentido é importante salientar que o conhecimento empírico dos/as participantes foi a principal fonte de estudo.

Em seu caráter descritivo a investigação buscou identificar e descrever os fatos relacionados ao processo de conquista ao direito a Educação Quilombola no Território Águas do Velho Chico. Michel (2009, p. 44) enfatiza que a pesquisa descritiva:

Trata em geral, de levantamentos das características de uma população, um fenômeno, um fato, ou o estabelecimento de relações entre variáveis controladas. Está relacionada diretamente com a pesquisa qualitativa, na medida em que levanta, interpreta e discute fatos e situações.

Os procedimentos técnicos utilizados foram, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Recorreu-se à pesquisa bibliográfica, por meio da leitura de materiais (artigos, livros, teses, dissertações, entre outros), já publicados sobre o tema, que pudessem contribuir para elaboração da pesquisa.

Neste sentido, Gonsalves (2001, p. 34), afirma que a pesquisa bibliográfica, “caracteriza-se pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema”.

A pesquisadora precisou estar em constante estudo, verificando materiais já publicados a respeito do seu tema de estudo e se apropriado de conhecimentos e experiências que serão muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa de campo, buscou informações diretamente com os/as participantes, ou seja, os conhecimentos empíricos que foram importantes e indispensáveis a esta. Durante a pesquisa a pesquisadora teve contato direto com o espaço e as pessoas pesquisadas. Nesse sentido:

A pesquisa de campo, no ambiente natural, é particularmente importante na pesquisa social, apropriada para estudos de indivíduos, grupos, comunidades, organizações, sociedades, considerando que, para a pesquisa social, mais importante que encontrar soluções é explicar os fenômenos, entender realidades, criar significados sociais. (Michel, 2009, p. 42.).

O levantamento de informações em campo, partiu da utilização da técnica “bola de neve” na identificação dos/as possíveis participantes e seguiu com a realização de entrevista semiestruturada, porque nesse tipo de entrevista “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; permite explorar mais amplamente uma questão”. (Michel, 2009, p. 68).

O processo de análise foi realizado na perspectiva qualitativa conforme Barros e Lehfeld (2014), com o seguinte itinerário: organização e descrição dos dados/conteúdos brutos; redução dos dados; interpretação dos dados pelas categorias teóricas de análise; análise de conteúdo.

3.1 Lócus da pesquisa

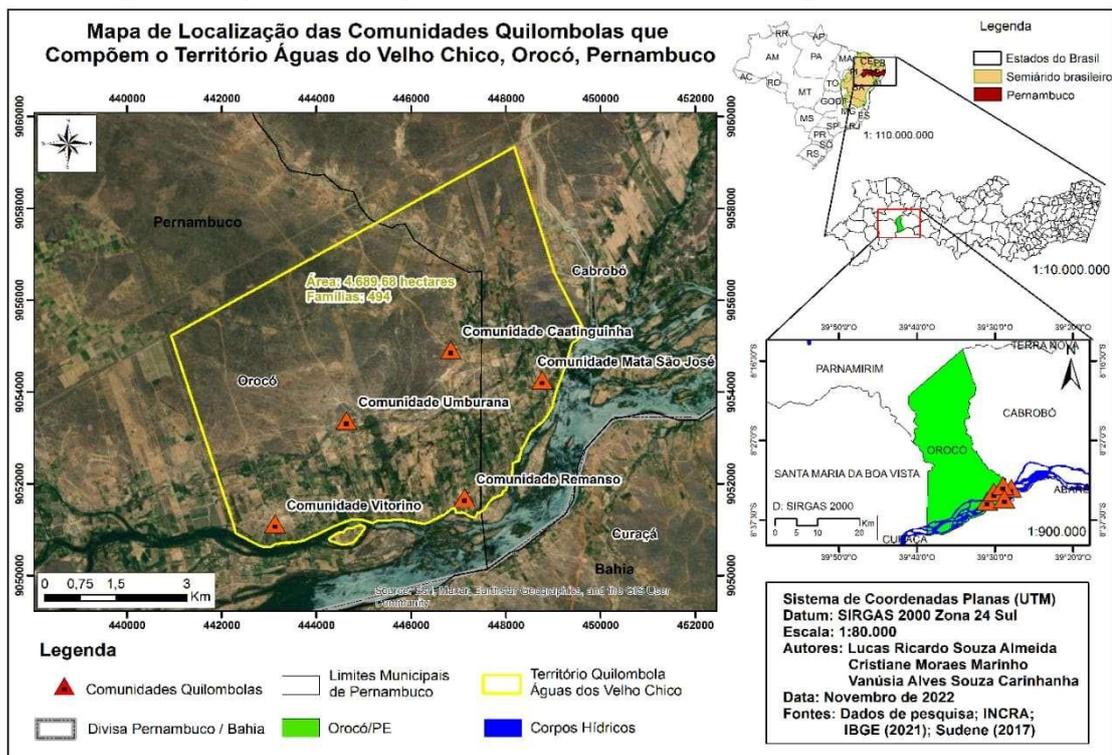
A pesquisa foi desenvolvida no Território Águas do Velho Chico, localizado no município de Orocó-PE.

O município de Orocó/PE localiza-se na unidade ambiental da depressão sertaneja, com relevo suave a ondulado, Região Nordeste do País possuindo uma extensão territorial de 554,760 km². Situa-se na Mesorregião do São Francisco Pernambucano, distante 569,8 km da capital.

Segundo dados do último Censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/CIDADE, 2022) sua população foi estimada em 13.613 habitantes, sendo que no censo de 2010 do IBGE, a cidade possuía população de 13.180 habitantes, e tinha densidade demográfica de 23,76 hab/km². Segundo dados do IBGE referente ao ano de 2020, o PIB per capita é de 11.573,08.

O município de Orocó-PE está inserido na bacia do Rio São Francisco, é composto pela Sede e pelos povoados de Projeto Brígida com 10 agrovilas, Fazenda Poço do Canto, Fazenda Casa Nova, Tapera, Fazenda Poço Grande, Assentamento Alegre, Assentamento Bom Jesus e o Território Quilombola Águas do Velho Chico, lócus desta pesquisa que, conforme Figura 1, é constituído por cinco comunidades sendo elas: Fazenda Caatinguinha, Mata São José, Remanso, Umburana e Vitorino.

Figura 1- Mapa da Localização das Comunidades do Território Águas do Velho Chico



Fonte: Dados da pesquisa, (2023)

É importante salientar que o município tem forte representação de movimentos sociais, pois na sua composição tem além do Território Quilombola Águas do Velho Chico, cerca de 10 (dez) Projetos de Assentamentos (INCRA, 2023)¹ e 2 (duas) Terras Indígenas (Fazenda Tapera e Ilha da Tapera/São Felix) da etnia Truká.

3.2 Participantes

Os/as participantes da entrevista semiestruturada foram, ao todo 6 (seis) pessoas pertencentes a luta quilombola, sendo 5 (cinco) participantes moradores/a do Território Águas do Velho Chico e 1 (um/a) deles/as, embora não resida no Território é colaborador/a da luta quilombola no território.

Para seleção dos/as participantes foi utilizada a técnica “bola de neve”, ou snowball sampling, esta utiliza-se de redes de referência (Baldin; Munhoz, 2011), sendo que os primeiros participantes denominados “sementes” foram lideranças reconhecidas no território no processo de luta pela educação quilombola, estas “sementes” indicaram outra/as pessoa/as de seu conhecimento ou relacionamento para participar, conforme prevê a metodologia “bola de neve”:

[...] que o passo subsequente às indicações dos primeiros participantes no estudo é solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa (e agora indicados por eles), para, só então sair a campo para também recrutá-los. (Baldin; Munhoz, 2011).

Ao todo foram realizadas, ao longo do período de 18 de abril a 08 de maio de 2023, 6 (seis) entrevistas, sendo que: 5 (cinco) entrevistas aconteceram em locais do Território escolhido pelos próprios participantes como: residência, escolas, associação. E 1 (uma) entrevista aconteceu na cidade de Orocó na câmara municipal.

Todos os/as participantes da pesquisa, leram os Termos de Consentimento de Livre Esclarecido (TCLE) e o Termo de Consentimento de Uso de Imagem e Voz (TCIV), e somente após a concordância e assinatura dos referidos termos, as entrevistas puderam ser realizadas, de acordo com a Resolução CNS 466/2012 e 510/2016².

¹ PA Bom Jesus; PA Alegre; PA Demétrius; PA Maria Carolina; PA Várzea Grande; PA Santo Antônio Da Mandassaia; PA Olho D’Água; PA Vitorino; PA Casa Nova; PA Gilda Gomes.

² O projeto que deu origem a pesquisa teve CAAE: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética no Sistema CEP/Conep. nº 68514123.4.0000, tendo sido aprovada sob o parecer nº 6.066.137/23.

Assim, com o devido consentimento, todas as entrevistas foram gravadas, utilizando aplicativo do smartphone e, posteriormente transcritas, e seu conteúdo categorizado e analisado.

A seguir temos um quadro com informações acerca dos/as participantes:

Quadro 1- Participantes da entrevista

Participante	Idade	Profissão
Participante 1	40 anos	Diretora
Participante 2	34anos	Professora
Participante 3	48 anos	Vereadora
Participante 4	45 anos	Agricultor
Participante 5	39 anos	Assistente administrativo
Participante 6	35 anos	Professor; Advogado

Fonte: Dados da pesquisa, (2023).

O momento das entrevistas permitiu a construção de um vasto conhecimento acerca da história, da cultura e dos processos de lutas pela educação no Território Águas do Velho Chico, entre outros aspectos. Possibilitou, também, a reflexão sobre o papel dos moradores na luta quilombola e sua atuação como principais agentes nessa luta.

A seguir, exploramos alguns dos achados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Território Quilombola Águas do Velho Chico e o processo de identificação

Sobre o processo de identificação quilombola do Território Águas do Velho Chico percebe-se que diversos fatores foram relevantes e influenciaram o mesmo, dentre estes os primeiros moradores, movimentos religiosos e algumas características em comum, que foram sendo notadas por meio de uma pesquisa feita pelos próprios moradores. Uma das participantes apontou: “[...] a gente fez uma pesquisa para saber das nossas origens, descobriu... a partir daí veio a luta pelo reconhecimento das comunidades [...]” (Participante 3, 2023).

Percebe-se, na fala da Participante 3, que houve uma busca, em relação as origens, raízes culturais e sociais, ancestralidade a partir do desejo de autoidentificação. Nesse sentido, a entrevistada relata a influência da religião católica nesse processo:

[...] um estudo feito através da religião católica né? Eu lembro que era Dom Adriano e ele pediu esse livro de tombo, porque muitas pessoas sabiam a origem de grandes autores, escritores, né? Atriz, ator e a gente esquece de saber nossas origens, e aí ele pediu esse livro de tombo na época, e aí cada comunidade construiu esse livro e foi a partir daí que a gente descobriu as nossas origens através desse estudo, dessa pesquisa [...] (Participante 3, 2023).

O conhecimento de um povo acerca de suas origens, contribui com a sua organização comunitária, um fato interessante nessa fala é o reconhecer-se quilombola a partir de um estudo, onde cada comunidade escreveu um livro de tombo que foi importante no processo de identificação do Território.

A Participante 2 informou que:

[...] esse livro de tombo em algumas das nossas comunidades já se perdeu, mas é porque as pessoas, os leigos, as catequistas eles mal tem um estudo, então como é que eles vão escrever uma coisa se eles não tinha e mal tinha a tecnologia que era o computador para salvar, o celular para gravar, então eles escrevendo manualmente para ele saber disso sair do achismo, eles tinham que ir nas casas dos idosos para fazer a escrita [...] (Participante 2, 2023).

Percebe-se que, a escrita do livro de tombo, como um elemento enfatizado como central no processo de identificação, esse foi construído a partir de muita busca nas comunidades, tendo os idosos como a principal fonte de informação nessa construção da história das comunidades, um participante aponta que:

[...] a gente começou meio que, as pessoas mais idosas da comunidade e, e ver o comparativo dessa comunidade com outras comunidades quilombolas e, é daí que a gente inicia esse, essa história da, das comunidades quilombolas [...] (Participante 5, 2023).

A fala do Participante 5, enfatiza que a participação dos idosos na construção da história, foi fundamental no processo de identificação, ainda nesse sentido, a Participante 2 reafirma que: “[...] a memória dos nossos mais velhos, nossos mestres, a gente tinha muito na comunidade, mas quando você parava para falar ele sempre dizia fulano que é filho de fulano a relação de uma família com a outra [...]” (Participante 2, 2023).

Tal fala revelou a construção de uma linha de conhecimento construída por meio da oralidade, ou seja, das histórias contadas pelos mais velhos a respeito da sua comunidade que enfatizam uma relação com as outras comunidades vizinhas.

A entrevistada ainda destaca, “a questão das plantas medicinais, então tudo isso que o saber popular desse povo, contribuiu bastante para questão do processo de identidade” (Participante 2, 2023).

Toda a coleta e sistematização de informações junto com os mais velhos, possibilitou o conhecimento da relação família, organizacional, cultural e social presente entre as comunidades Mata, Remanso, Umburana, Vitorino e Caatinginha. Isso levou a entender que essas comunidades se tratavam de um só Território.

Nesse sentido, o Participante 6 afirma que:

[...] a própria constituição na formação do Território, a questão dos laços também laços sanguíneos[...] A gente quando começou a pesquisar a história da comunidade uma coisa que a gente percebeu primeiro a questão também do, do fenótipo né? É visível que a presença negra, muita massa negra, muito grande nas comunidades em si[...] (Participante 6, 2023).

Corroborando com tal afirmação, a Participante 2 reflete que os, “traços, é principalmente identitário, consanguíneo e para além disso é pela relação histórica, porque Vitorino só existe porque surgiu Mata[...]”, percebe-se nessa fala que as comunidades foram se formando a partir de outras, perpetuando uma mesma cultura ligada às organizações negras.

Como é possível perceber no relato a seguir:

[...] quando a gente foi buscar a história das comunidades, a maioria dos nossos antepassados eles tinham, eles tinham vindo de regiões onde tinha quilombos né? A exemplo da Serra de Umã, que de onde a gente a os

primeiros, os primeiros habitantes das comunidades vieram, então a gente começou a perceber esses vínculos né? Essas relações que fizeram com que desse o estralo para gente descobrir as nossas origens enquanto quilombolas. (Participante 6, 2023).

Nesse sentido, a identificação do Território Águas do Velho Chico está relacionada às pessoas fugidas de outros quilombos, que vieram habitar essas terras, nelas constituíram família e propagaram seus costumes, como podemos observar no relato da Participante 1.

[...] o Território Quilombola Águas do Velho Chico ele é formado por cinco comunidades Mata, Mata de São José, Caatinguinha, Remanso, Umburana e Vitorino. E essas comunidades foram formadas, hoje é denominado como Território porque identificamos que em todas as comunidades tem pessoas parentes. Então ela foi formada além da, de ser formado pela luta do movimento quilombo todo mundo quer, quis o mesmo objetivo, os tipos sanguíneos, as pessoas se relacionam muito pelo parentesco e aí os primeiros que foram chegando na comunidade vieram de Canudos né? Da parte da Mata de São José vieram de Canudos e outros de Serra de Umã, mas quando [...] as pessoas dessas duas comunidades chegaram já encontraram um senhor na comunidade que se chamava Demétrio, esse senhor ele foi um dos fugitivos da escravidão, então ele se alojou na comunidade e, é por isso que se chama Mata porque é uma mata virgem né? Não tinha casa, não tinha energia, então ele sobrevivia do alimento, das frutas, e aí quando chegou essas pessoas de Canudos e de Serra de Umã ele acolheu e por isso que a Mata é a comunidade mais antiga do Território [...] (Participante 1, 2023).

O relato da Participante 1, se relaciona com o referencial teórico estudado, sobretudo ao revelar que o Território foi constituído por negros fugidos da escravidão que chegaram nas comunidades Quilombolas e foram povoando.

Todo processo histórico e cultural, que foi levantado a partir dos próprios moradores, demonstra que existe um elo muito forte entre estas cinco comunidades e isso foi bastante significativo no reconhecimento enquanto quilombola.

Nesse sentido, o Participante 4, narrou que:

É a junção porque é um povo só, a Mata, a Mata ela é a matriz, é a primeira comunidade quilombola, mas todo, todas as cinco comunidades quilombolas têm povo da Mata, tem sangue da Mata então é a mesma origem. (Participante 4, 2023).

A partir do conhecimento das origens quilombolas os principais responsáveis por esse estudo, buscaram constantes formações, para poder dialogar e refletir com os demais moradores que, as cinco comunidades não se tratavam de fazendas como eram denominadas, mas de

comunidades quilombolas, com características em comum, diante disso formavam um único Território quilombola.

A Participante 3 relata que:

[...] a gente começou a articular várias, várias é formações dentro do Território em relação a luta quilombola, lembro hoje que nós fizemos em 2008 antes de receber o certificado o primeiro encontro das comunidades Municipal quilombola [...] (Participante 3, 2023).

Nesse contexto, as primeiras pessoas responsáveis por esse processo de luta, de resgate da história, ou seja, da construção de uma identidade que tinha se perdido ao longo do tempo, começaram a trabalhar dentro das comunidades os termos Quilombola, Território e Comunidade, para que os moradores tivessem mais conhecimento, pois tais termos se tratavam de algo novo para muitos.

As formações, advindas sobretudo da compreensão do sentido sócio-histórico desses termos no âmbito das comunidades, são de fato importantes, pois a partir dessas, podem se pensar e discutir políticas públicas, que possam contribuir com as mesmas. Nesse sentido, a Participante 3 destaca ainda que, “[...] esse primeiro encontro 2008, ele veio fortalecer, ele veio trazer conhecimento né? Para que a gente pudesse ter é subsídio para continuar na luta como a gente tá até hoje [...]”, a compreensão da participante reflete o quanto os momentos de formação, contribuíram para a permanência na luta pelos direitos quilombolas.

Muitas pessoas contribuíram com o processo de identificação e luta do Território quilombola, algumas dessas não moram mais no Território, outras continuam ativamente nesse processo, nesse sentido, uma das participantes destaca com muita alegria que:

[...] nesse processo de Território né? Quem foi os protagonistas da luta é indispensável né? Não falar o nome deles Raimundo¹, Jacielma² e Jeferson³,

¹ Raimundo Manoel Gonçalves agente de saúde efetivo, este foi um ator importante no início da luta pelo Território, na época era agente comunitário de saúde da comunidade quilombola Mata de São José, atualmente ele reside e trabalha na cidade de Orocó e se encontra um pouco afastado da luta Quilombola, mas ainda é uma figura de referência.

² Jacielma da Silva Santos é liderança do Território Águas do Velho Chico e vereadora do município de Orocó, residente da comunidade quilombola Umburana, foi uma das primeiras na luta pelo Território e atualmente continua firme e forte nessa luta.

³ Jeferson da Silva Pereira advogado, foi um dos primeiros enfrentastes da luta pelo reconhecimento do Território, atualmente reside na cidade de Orocó, mas continua envolvido com a luta e trabalha como professor no Território nas turmas da EJA Campo.

inicialmente trouxeram essa discussão sobre Território, identidade João Belo também. (Participante 2, 2023).

Durante o processo de identificação do Território como quilombola, esses foram os primeiros que por meio de estudos e informações buscaram conhecer suas origens e a origem de suas comunidades com ajuda dos mais velhos, professores e pessoas de outras comunidades que já tinham um conhecimento sobre quilombolas.

Participante 6, afirmou que:

Quando eu nasci não tinha esse reconhecimento ainda, era constituído como Fazenda ainda esse processo de, de autorreconhecimento como quilombola já é mais recente né? Recente assim no sentido de reconhecimento, o Território em si ele já era quilombola, mas como todas as comunidades quilombolas do Brasil elas sofreram um processo de invisibilização né? E negação da própria identidade né? (Participante 6, 2023).

O participante ressalta que, o reconhecimento de comunidades quilombolas e, nesse sentido do Território Águas do Velho Chico, é algo recente devido a forma como historicamente o negro foi visto pela sociedade, pois o mesmo passou muito tempo sendo escravizado, oprimido, inviabilizado, devido à falta de respeito com tudo que se relacionasse ao negro. O participante destaca ainda que: “[...] qualquer conhecimento de identidade quilombola ela foi, veio tardia em decorrência do processo de racismo e de opressão”. (Participante 6, 2023).

As comunidades Mata, Remanso, Umburana, Vitorino e Caatinginha antes reconhecidas como fazendas, depois do processo de identificação como quilombolas passaram a formar um único Território e a ser chamado de comunidades quilombolas, ou seja, o termo fazenda foi substituído por comunidade, nesse sentido um dos participantes destaca que: “Questão do conhecimento antes era uma comunidade que ela não era comunidade, era a Fazenda né? A gente no Território tinha como Fazenda Mata, Fazenda Caatinginha, Fazenda Vitorino[...]” (Participante 4, 2023).

Percebe-se que o termo comunidade, assim como Território surgiu como algo novo, o entrevistado relata ainda que:

A comunidade a gente se dava antes era em outras coisas, era em se juntar, rezar, vai para comunidade, então a comunidade que a gente naquela época, a gente falava era quando você ia rezar na casa do outro, fazer uma oração um

¹ João Roberto da Silva popularmente conhecido como João Belo, residente da comunidade Quilombola Vitorino, na época dos primeiros estudos acerca da origem dos moradores do Território, era presidente da Associação Comunitária do Vitorino e participou ativamente do processo de estudo e pesquisa.

sábado ou uma quarta, um domingo, sei lá um dia assim, então você chamava comunidade. Quando vê essa questão da população se tornar comunidade a gente passou uns dias sem entender e inclusive essa questão do nome quilombola a partir de 2005 para cá, a gente foi se adaptando, e passamos um tempo para se adaptar, para entender afinal o sentido do que era a comunidade, do que era Território [...] (Participante 4, 2023).

O entrevistado enfatiza que foi necessário se adaptar aos termos comunidade e Território, devido à falta de familiaridade com esses, ele destaca também que isso levou tempo, afirmando que o processo de reconhecimento enquanto quilombola das pessoas desse Território foi algo que passou por diversos processos de desmistificação de termos usados com bastante frequência como é o caso da palavra Fazenda. No processo de reconhecer-se quilombola, um outro fator importante foi o sentido que as pessoas desse território passaram a dá a terra.

Uma das participantes destaca que:

[...] o primeiro aspecto que, que foi muito forte é foi a terra o Território, porque muitas pessoas identificaram que a posse do Território é importante para que esse cultive a cultura, a identidade, as danças, a educação, agricultura [...] (Participante 1, 2023).

Nessa perspectiva, a terra não é simplesmente um pedaço de chão, para as comunidades quilombolas ela tem um valor simbólico, pois nela é cultivado além do alimento as tradições de um povo, ainda de acordo com a entrevistada “[...] o Território é a vivência das pessoas [...] o objetivo do Território é garantir que as crianças, a nova geração continue aprimorando, saboreando dos saberes e dos sabores dos mais velhos[...].” (Participante 1, 2023).

Nesse contexto a união no processo de luta por reconhecimento e preservação da cultura é fundamental, durante todo processo de identificação do Território as associações comunitárias existentes em cada uma das cinco comunidades quilombolas desenvolveram um papel muito importante, para formação da comissão, atualmente essas associações ainda representam as comunidades de forma legal na busca por políticas públicas que atendam às necessidades básicas desse povo, como observado no depoimento a seguir:

[...] no sentido de construção da identidade do Território tá, hoje a gente tem cinco associações que participaram do processo de, de reconhecimento das comunidades e a partir das associações a gente formou também um grupo de lideranças, é hoje a gente tem uma chamada comissão que é comissão de articulação das comunidades quilombolas de Orocó. Essa comissão é formada por membros das cinco associações, também por lideranças, e quem a gente considera liderança? Tipo as pessoas que mesmo não participando de uma associação, mas tem aquela referência [...] (Participante 6, 2023).

Entende-se que as associações são uma forma de organização das comunidades, e a partir delas são tomadas decisões e feitas articulações de projetos que beneficiem os moradores e contribuam com o desenvolvimento local. Vale destacar que, o Território Águas do Velho Chico é um espaço muito rico, situado às margens do rio São Francisco, o qual é fonte de vida para esse povo, que tem um afeto não só pelo Território, mas também pelo Velho Chico cujo nome faz representação ao Território.

Nesse sentido, a Participante 3 reforçou que:

[...] o Território para mim é tudo, sem o Território a gente não tem educação, sem o Território a gente não tem lazer, sem o Território a gente não tem saúde, sem o Território a gente não vai ter histórias pra contar, porque é no Território, é na nossa terra que tá envolvida toda a nossa vida. E quando a gente escolheu o nome do Território Quilombola Águas do Velho Chico trazendo o Velho Chico, foi justamente por conta do rio, né? Eu costumo dizer que a terra é a nossa mãe e o Velho Chico é o nosso pai [...] (Participante 3, 2023).

No sentido de apontar uma das riquezas do Território a Figura 2, ilustra uma visão do rio São Francisco a partir da Comunidade Quilombola Vitorino, que é importante na vida desses moradores, tendo em vista que se trata de uma região semiárida, onde água é sinônimo de fartura, trabalho, vida boa e privilégio.

Figura 2 - Margens do Rio São Francisco Comunidade Quilombola Vitorino



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Nesse tocante, o relato da Participante 3 reforça ainda a relação existente entre o rio São Francisco e o Território (como buscamos ilustrar na figura 2) pois suas águas são sinais de riqueza e prosperidade e são utilizadas para consumo, plantação e lazer dos moradores do Território Quilombola Águas do Velho Chico, enriquecendo assim a produção e a cultura que será discutida no tópico a seguir.

4.2 Território Quilombola Águas do Velho Chico aspectos culturais e educacionais

A cultura diz muito a respeito de um povo e esse foi um aspecto relevante no processo de identificação e reconhecimento Quilombola da população do Território Águas do Velho Chico, pois ao longo dos estudos foi identificado que existia o cultivo de manifestações culturais em comum entre as comunidades Quilombolas Mata, Remanso, Umburana, Vitorino e Caatinginha. Nesse sentido, o Participante 6 destaca que:

[...] a gente tá falando de um Território, onde todos são família, todos são é comungam das mesmas, mesmas tradições [...] mesmas por mais que cada comunidade tenha suas particularidades isso muito em decorrência do arranjo familiar, mas no geral elas produzem, é vivem da agricultura, as religiões. A um fluxo muito grande tipo assim de uma comunidade ir pra outra fazer isso, as pessoas vão trabalhar numa comunidade pra outra, há uma relação social, cultural e familiar muito grande entre elas. (Participante 6, 2023).

O entrevistado revelou que as pessoas do Território além de terem um grau de parentesco, desenvolvem atividades rurais e culturais em comum nas comunidades que o constituem, fortalecendo os laços e contribuindo com o fortalecimento da identidade quilombola. Essa fala do entrevistado também intensifica que a principal fonte de renda dessas comunidades é advinda da agricultura familiar irrigada, que tem o cultivo da fruticultura como predominante nas comunidades.

Algumas das culturas mais produzidas nas comunidades são acerola, goiaba, banana e macaxeira como ilustrado nas Figuras 3, 4, 5 e 6 a seguir:

Figura 3 - Plantação de goiabeira



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Figura 4 - Plantação de acerola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Figura 5 - Plantação de bananeira



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Figura 6 - Plantação de macaxeira



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

O cultivo dessas culturas é bem comum em todas as comunidades que constitui o Território Quilombola Águas do Velho Chico, devido ao alto nível de produção, existe um fluxo entre as comunidades, tanto relacionado a comercialização, como a questão do trabalho, ou seja, muitos moradores do Território trabalham de diária nas comunidades vizinhas.

A agricultura é hoje bem aceita como uma forma de profissão dentro das comunidades quilombolas, pois os moradores conseguiram perceber que apesar das dificuldades para se obter uma boa colheita devido aos altos custos dos produtos que são necessárias para a plantação e o baixo custo da mercadoria na hora da venda, mesmo com tudo isso, os produtores tem orgulho e sabem o quanto é gratificante poder produzir o alimento que vai saciar a fome de outras pessoas, nesse sentido, os produtores assim como todo o Território percebem que a valorização da agricultura local e dos costumes é algo necessário e de fundamental importância principalmente por parte dos governantes do município, pois contribuirá com o desenvolvimento do Território e para a melhoria de vida dessa população, como é possível perceber no relato a seguir:

[...] é dá esse apoio também em relação alimentação nas escolas, que seja respeitado o dia de comer carne ou não, o dia de aproveitamento das frutas que são as produções que tem ali, que vem a fortalecer o ser humano, porque se falar de cultura, se falar de questão de desenvolvimento, de identidade e você esquecer o indivíduo que tá ali inserido, não se tem Território e não se tem vida [...] (Participante 2, 2023).

A participante enfatiza o quanto é necessário o apoio e valorização do poder público e defende que seja respeitado as formas de organização desse povo e suas produções, principalmente em relação a agricultura, pois os moradores poderiam fornecer as frutas produzidas no Território para merenda escolar, valorizando assim as especificidades desse povo, mas isso é algo que não depende apenas do Território.

A cultura é algo bastante vivo no Território Quilombola Águas do Velho Chico, pois seus moradores lutam para que sua cultura, costumes, cresças e ancestralidade sejam preservados, o Território é um espaço rico de conhecimento popular, que possui diversas manifestações culturais como é possível observar no depoimento da Participante 2.

[...] existe as culturais que a gente tem como lazer né? A partir do esporte, a partir de futebol que é típico dentro das comunidades, mas as manifestações culturais de que está nos costumes de religião né? De padroeiro, mas também nos traços de dizer assim seja o reisado que é hoje tem infantil, tem o mirim né? Popularmente conhecido também, o mais dos mais velhos é o São Gonçalo, essas são as influencias que a gente tem de manifestações culturais mais presentes. (Participante, 2, 2023).

Em sua fala a participante destaca algumas culturas mais presentes no Território, em que pode ser observado a diversidade cultural desse lugar, ela também enfatiza a existência da perpetuação da cultura, quando afirma que existe participação das crianças nessas

manifestações, ou seja, a cultura é passada de geração a geração. Nesse sentido o participante 6, reflete acerca da valorização de algumas manifestações do Território e reafirma as culturas trazidas pela participante 2, e faz destaque a outras culturas como pode ser observado em sua fala:

[...] algumas manifestações religiosas né? A gente tá tendo agora esse resgate né? É como própria questão da, das religiões de matriz africana, a gente tá tendo algumas que são vinculadas é um exemplo terreiro que não tinha na comu, que tinha na comunidade, mais que era inviabilizado e com o tempo elas foram se, se né? Valorizado e a gente foi resgatando, [...] a dança afro a gente tentou resgatar, mas assim tipicamente ela, ela veio mais a ser uma forma de resgatar nossa, de potencializar nossa identidade, mas eu acho que o Reisado, tem a questão dos penitentes também né? Que surgiu como uma tradição bem, bem peculiar que tá se, tá se perdendo, mas a gente vai tentar manter né? São essas três acho que o Reisado, São Gonçalo e os Penitentes são três assim manifestações típicas das nossas comunidades. (Participante 6, 2023).

A valorização de algumas tradições culturais que, ao longo do tempo foram se perdendo dentro das comunidades Quilombolas é algo importante para valorização da identidade de um povo, que teve por muito tempo sua cultura desvalorizada, na compreensão dos participantes é possível sentir o pertencimento e admiração pela cultura, costumes e ancestralidade praticadas dentro das comunidades, com orgulho o Participante 4 reforça que, “[...] temos terreiros, temos tudo, todo costume de preto nós temos no Território[...]” (Participante 4, 2023).

Nesse contexto, a Figura 7 representa a manifestação cultural mais antiga do Território Quilombola Águas do Velho Chico, o Reisado.

Figura 7 - Figura 7: Festejo do reisado



Fonte: Foto cedida pela Participante 1, (2023).

O Reisado é uma manifestação que está presente a muitos anos no Território, como destacado pelo Participante, “[...] a primeira manifestação cultural aqui do Território era o Reisado, era não é o Reisado né? Que até hoje permanece [...]” (Participante 3, 2023).

Ainda sobre o Reisado, a Participante 3 ao remeter a memória afirmou que:

[...] o Reisado né, que é da Mata de São José é também é uma, é uma, é uma cultura presente na nossa comunidade, antigamente as pessoas saia, o Reisado saia em casa, eu lembro que o meu pai contava, meu pai não meu avô contava, que as pessoas saiam batendo nas casas de madrugada chegava batia. Ô de casa ô de fora e as pessoas dava esmola, o que tivesse e eles dançavam, hoje não, não se faz como antigamente né? Eles dançam na igreja lá da Mata, na Caatinguinha já dançaram também, então essas são as culturas, as culturas que precisamos preservar e não deixar morrer em nosso Território. (Participante 3, 2023).

Como pode ser relatado na memória expressa pela Participante 3, existe toda uma preocupação com a preservação da cultura no Território, pois entende-se que todas as vivências dentro do Território o constituem, como afirma a entrevistada 1 a seguir.

[...] quando fala de Território tá falando do lugar onde eu pesco, onde eu vou procurar a lenha, onde eu vou buscar a pedra né? La na igreja da Mata as paredes foi construída com as pedras do Serrote, do rio São Francisco, então ali é um Território, onde eu tomei banho, onde meu avô tinha a ilha que ia pescar, onde a gente dança o Reisado no dia seis de janeiro, onde tem as

promessas dos São Gonçalo, todos os sábados, quase todos os sábados tem São Gonçalo no Território todo [...] (Participante 1, 2023).

Na afirmação da Participante 1, percebe-se que o São Gonçalo acontece com frequência no Território Águas do Velho Chico, a Figura 8 ilustra essa manifestação cultural destacada pelos entrevistados.

Figura 8 - Roda de São Gonçalo



Fonte: Foto cedida pela Participante 1, (2023).

O São Gonçalo é uma dança, a qual muitas pessoas tem devoção, no Território é bastante comum as rodas de São Gonçalo como pagamento de promessa por graças alcançadas pelos moradores que se apegam com o Santo, é uma dança que possui regras, por exemplo, quando se trata de poucas rodas é iniciado e terminado no sábado, mas se for uma quantidade de rodas maior é iniciado na sexta-feira e terminado no sábado, para dançar precisa ter um par, está de vestes brancas (como ilustrado na Figura 8), com um pano amarrado na cabeça e sem esmalte nas unhas. Ainda referente ao São Gonçalo, a Participante 3, ao remeter a memória afirmou que:

[...] antigamente a gente aprendia a dançar o São Gonçalo na agarrado na, na barra da saia da avó, eu aprendi com minha vó assim o São Gonçalo e eles contando que as pessoas tinha com frequência São Gonçalo porque quando as pessoas plantavam e colhiam eles quando iam plantar, eles já diziam olhe se eu conseguir tirar essa roça com êxito eu vou fazer uma roda de São Gonçalo e eles conseguiam então eles festejavam, eles agradeciam São Gonçalo pela colheita, pela sua saúde, por alguma conquista [...] (Participante 3, 2023).

A cultura do Território Quilombola Águas do Velho Chico se relaciona também aos festejos religiosos que acontecem com frequência no Território, onde são celebrados os padroeiros das cinco comunidades com novenários que conta com a participação de toda população, como é possível perceber no relato a seguir.

[...] Temos também a questão dos novenários, né? Os novenários que tem, a gente celebra desde o mês de março até dezembro né? Tem os padroeiros, temos aí em março São José né? E a gora em julho temos é São João e Santo Antônio, temos em outubro nossa Senhora Aparecida, temos em novembro é São Braz que ´é na Caatinguinha, e aí é uma cultura que prevalece até hoje [...] (Participante 3, 2023).

A participante reafirma a presença da religião católica e a devoção dos moradores aos padroeiros das comunidades ao relembrar que:

[...] antigamente as pessoas, eu já vi relato e eu já participei disso, as pessoas quando estavam celebrando no Vitorino a gente ia a pé, quando tava celebrado na Mata de São José a gente saía eu lembro que a gente saía de doze horas pra quando fosse duas horas a gente tá na Mata pra assistir à missa de São José né? [...] (Participante 3, 2023).

Os novenários acontecem com frequência no Território, sejam dos padroeiros das cinco comunidades, como dos santos que as pessoas tem devoção, sendo comum a participação dos moradores nessas celebrações, como pode ser observado na Figura 9.

Figura 9 - Celebração de novena em uma casa de família



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Nesse contexto percebe-se que as comunidades sempre tiveram uma ligação que as acompanham desde de muito tempo, principalmente em suas práticas culturais que tentam se manter até os dias de hoje.

É importante ressaltar que, as manifestações culturais trazidas pelos participantes, como por exemplo o Reisado, São Gonçalo, Penitentes, entre outras, são manifestações que, de certa forma, vinham se perdendo, mas que com a questão das lutas pelo Território e com o processo de educação específica, vêm sendo refortalecidas e até mesmo valorizadas, como expõe o Participante 6: “o reisado é uma manifestação bem antiga também, assim graças a Deus está se perpetuando né? Graças a educação está sendo é também esse motor [...]” (Participante 6, 2023).

A educação como citado pelo Participante 6 desenvolve um papel muito importante, algo bem interessante, é que ele relaciona a educação a um motor, enfatizando que ela impulsiona a valorização cultural.

A Participante 3 resalta que, assim como em outras culturas, o São Gonçalo é trabalhado no contexto educacional do Território como forma de fortalecimento identitário e cultural segundo ela:

[...] quando a gente traz uma, é, é, é mestra a gente chama é mestra de São Gonçalo pra dentro da escola como a gente já trouxe com os pequenos dançando, explicando cada quadrinha que se fala nos versos e ela traz pra dentro da escola a gente tá preservando a nossa cultura e estamos valorizando a nossa educação escolar quilombola né? (Participante 3, 2023).

Nesse sentido, o Participante 4 destacou que:

Então quando a gente pensou ne, trazer uma escola para o Território, nós também pensamos no ensino específico ne? Então hoje eu vejo como ainda a gente tem muita coisa que não é nossa realidade, mas eu já vejo que está inserido no nosso ensino, na nossa educação específica do nosso povo, a questão da, da reza assim do respeito religioso né? Que hoje está envolvido na escola a questão do, do, da nossa crença, do, da benzedeira, da, da, do remédio natural que é feito da casca do pau, que é feita da folha do pau. Então eu acho um conteúdo muito bom que a gente hoje trabalha dentro do nosso Território, um aprendiz digamos que passa de geração em geração e, é muito significante. (Participante 4, 2023).

O Participante destaca que houve toda uma preocupação em relação ao ensino trabalhado no Território, ou seja, após o processo de identificação das comunidades como Quilombolas teve também a necessidade de se trabalhar o específico, algo bastante visível na fala do entrevistado é que o ensino ainda tem falhas, mas ao mesmo tempo ele destaca que já percebe a valorização dos costumes e saberes locais.

A seguir, na Figura 10, temos uma árvore que é bastante utilizada pelos moradores do Território na medicina alternativa para fabricação de remédios caseiros como chá, lambedor e balhos.

Figura 10 - Pé de Juazeiro



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

O Juazeiro é uma árvore nativa da região, que é preservada no Território Águas do Velho Chico, sua sombra é ótima para o descanso, além disso possui propriedades e benefícios no tratamento de doenças. É comum nas escolas o trabalho com plantas medicinais, onde os mais velhos podem contribuir com o ensino. Nesse sentido, a Participante 3 afirmou que:

[...] quando a gente traz um, um, uma, um mais velho para falar sobre como fazer um chá, como fazer um remédio caseiro a gente a gente tá praticando a educação escolar quilombola porque a gente tá trazendo a nossa cultura, a nossa vivência né? Para dentro da escola e mostra que tanto quanto as outras ela também é importante e que o primeiro passo, a primeira referência que a gente tem que tirar é a nossa, não que as outras culturas não seja importante, mas primeiro, partir da nossa do que a gente tem[...] (Participante 3, 2023).

A educação é vivenciada em vários espaços no Território Quilombola Águas do Velho Chico, seja na escola, igreja, roça, festejos do Território, ou até em uma simples conversa com

um mais velho. Nesse contexto, a Participante 1 refletiu a respeito da vivência, da história e cultura no processo de ensino aprendizagem e ressalta que:

[...] a primeira coisa é a oralidade que é muito forte no Território, porque que eu sei cantar reisado? Eu aprendi com a minha mãe de forma oralmente, as crianças muitas delas não desenvolve ainda as habilidades de escrita e leitura na escola, mas se perdi para ela cantar a música do reisado ela canta; então a,a, o que a gente identifica que no Território é muito forte é a oralidade, as coisas que são passadas de pai para filho de geração para geração e a gente tá transformando essa oralidade em currículo [...] (Participante 1, 2023).

Na fala da Participante 1 percebe-se a valorização dos conhecimentos adquiridos pelo aluno no âmbito familiar, social e cultural, e também a preocupação em se trabalhar a educação a partir dos conhecimentos transmitidos pelos mais velhos, que detém um saber imensurável que pode contribuir de forma significativa com o processo de ensino aprendizagem. A Participante destaca ainda, a importância em documentar esses conhecimentos, para que não se percam.

Nesse sentido, o Participante 6 aborda a importância da convivência com os mais velhos ao destacar que:

Então quando você traz um ancião pra dentro da comunidade, pra dentro da escola pra contar história da comunidade aí você percebe que isso há uma, uma certa é valorização e há também é uma, uma contribuição no processo de aprendizagem e conhecimento da comunidade [...] (Participante, 6, 2023).

Os mais velhos são tidos dentro do Território como os principais conhecedores da história, nesse sentido, sua participação é de fundamental importância, a Figura11 a seguir ilustra um pouco de como eles atuam na educação Quilombola.

Figura 11 - Idoso do Território contribuindo com o ensino



Fonte: Foto cedida por professora do Território Quilombola, (2023).

Como informado na fala do Participante 6, os conhecimentos empíricos dos moradores do Território são importantes no contexto educacional e social, pois contribui com o auto reconhecimento e com a luta Quilombola.

Nesse sentido a participante 3 corrobora ao afirmar que, “[...] quando a gente traz um agricultor, uma agricultora familiar para dentro da escola e pede para o agricultor falar como é, e explicar, a gente tá valorizando a nossa cultura, a gente tá valorizando a nossa tradição né?”, diante desse relato, nos leva a entender, que a educação potencializa os conhecimentos existentes no Território, além do mais, quando se refere a agricultura, a qual é enfatizada no referencial teórico como a principal fonte de renda do Território.

Nesse tocante a participante 3, destaca ainda que:

É fazer com que os nossos alunos entendam que antigamente as pessoas diziam não vou tirar meu filho da roça, porque eu não quero, não hoje a gente vai dizer, olha você vai estudar para ampliar seus conhecimentos e trazer para você ajudar o nosso, o nosso pai, nossa família a lidar com agricultura familiar hoje que é o novo manejo que tá se tendo hoje né? Então isso também a gente tá valorizando as práticas né, de, de cultivo do nosso povo. (Participante 3, 2023).

A educação é importante não só na valorização identitária e cultural, mas também, no processo de luta social, tendo como multiplicadores do conhecimento os alunos.

Nesse contexto, o Participante 6 afirma que:

[...] então a educação na verdade ajudou no processo de autorreconhecimento das comunidades, porque através da educação a gente conversa com os alunos e também foi importante porque os alunos se tornaram multiplicadores do processo, então a gente a educação foi digamos, que digamos que o carro chefe do processo de identificação de reconhecimento das comunidades, onde a gente usou tanto estruturas da educação como também os seus protagonistas que era os alunos. (Participante 6, 2023).

Na fala do entrevistado, percebe-se que de fato a educação foi o meio utilizado para propagação da luta quilombola.

O Participante 5, relata que:

[...] Então a gente traz os mestres para escola, a gente faz essa questão de deslocar o aluno para as comunidades para ele vivenciar, por mais que ele já vivencia isso, mas de que forma você traz isso na educação né? Então é isso, que os alunos consigam trazer essa parte mais teórico, mas também que eles

consigam teorizar isso nas práticas das comunidades [...] (Participante 5, 2023).

No Território Águas do Velho Chico é comum se trabalhar com aulas de campo, que aproximem os alunos dos espaços do Território, mas também são realizadas atividades no âmbito escolar que contam com a presença de pessoas mais velhas do Território, essas atividades educacionais podem ser ilustradas nas Figuras 12 e 13.

Figura 12 - Idosa do Território no espaço escolar



Fonte: Foto cedida pela Participante 1, (2023).

Figura 13 - Aula de campo embaixo de um pé de algaroba



Fonte: Foto cedida pela Participante 1, (2023).

Nessas figuras, podemos observar que a educação acontece em diversos espaços do Território e que a mesma não se limita ao espaço da sala de aula, mas busca preservar e valorizar a oralidade que é uma das riquezas do Território. Os professores, bem como todos que fazem a educação, percebem essa necessidade de aproximar o aluno do Território para que esse tenha um conhecimento vasto não só da comunidade onde mora, mais de todas as cinco comunidades, e como forma de aproximar o estudante do meio, como estratégia pedagógica, são feitos alguns

passeios por todo Território, visitando espaços que são bem significativos, nesse contexto, as Figuras 14,15, 16 e 17, representam alguns desses momentos.

Figura 14 - Aula as margens do rio São Francisco



Fonte: Foto cedida por professora do Território Quilombola, (2023).

Figura 15 - Piquenique ao ar livre



Fonte: Foto cedida por professora do Território Quilombola, (2023).

Figura 16 - Aula de campo com idosa do Território



Fonte: Foto cedida por professora do Território Quilombola, (2023).

Figura 17 - visita a casa de farinha



Fonte: Foto cedida por professora do Território Quilombola, (2023).

As figuras ilustram um pouco de como a educação é trabalhada no Território, seja com crianças, adolescentes, jovens ou adultos, pois a educação quilombola preserva o conhecimento cultural, local do Território, bem como os costumes, ancestralidade, oralidade entre outros aspectos considerados primordiais.

O Participante 5, demonstra preocupação acerca da formalização da educação relacionada as práticas das comunidades. Por mais que a educação seja específica é necessário se atentar a isso, o participante ainda destaca que a educação é desvinculada da realidade em alguns contextos ao ressaltar que:

Nossas manifestações culturais como eu citei algumas que não é colocada em alguns aspectos da escola a gente sempre trabalha folclore falando do saci né? Sem saber da onde surgiu a história, porque não do nego d'água? Porque não trazer algumas características que é, que é do nosso povo né? Fortalecimento nesse sentido assim de fortalecer nossa, nossa essência enquanto negro né? É potencializar o que a gente já tem de bom, que não é as vezes, muitas vezes não é colocado nos livros didáticos. (Participante 5, 2023).

O Participante faz uma crítica em sua fala ao destacar que muitas vezes as escolas ainda se prendem a trabalhar algo que não é realidade do aluno, trazendo alguns questionamentos em sua fala acerca do que poderia se trabalhar principalmente em relação a cultura e enfatizando a necessidade de valorização e propagação do que se tem no Território.

Nesse sentido o Participante 6 defende que:

Educação específica pra mim é uma educação que valoriza o contexto local, valorize e vive o contexto local, não adianta nem só valorizar e não vivenciar e quando eu falo vivenciar eu estou dizendo no sentido de partilhar, de ajudar a construir a comunidade. (Participante 6, 2023)

Isso que o Participante 6 defende, nos faz entender a necessidade de ter profissionais quilombolas na educação pertencentes e comprometidos com o Território. No que diz respeito ao objetivo da educação trabalhada no Território, o Participante 5 afirma que, “então é isso assim fortalecer nossos ancestrais, nossa cultura local né? Todo o nosso, nossa vivência no dia a dia e a partir disso a gente pensar na comunidade como local importante para a gente né?” (Participante 5, 2023).

É importante destacar também que são vivenciados projetos na escola e no Território que fortalecem a educação quilombola, como destaca a Participante 2 ao falar que, “[...] tem projetos que afirmam isso todo tempo de vivência dentro de nossas comunidades [...]” (Participante 2, 2023). As figuras a seguir comprovam esses projetos.

Figura 18 - Projeto de leitura: Leitura vai, leitura vem, eu leio e o meu quilombo também



Fonte: Foto cedida pela Participante 1, (2023).

Figura 19 - Novembro negro



Fonte: Foto cedida pela Participante 1, (2023).

A Participante 2, destaca que a educação desenvolve um importante papel no Território ao relatar que:

É futuro de existência atual, e a contribuição é de um futuro melhor em relação a um processo de identidade, na educação querendo ou não ela, ela no tocante os, ao processo de indivíduos, ela chega mais rápido, ela consegue tocar mais pessoas, então a educação ela, ela jamais, ela pode ser esquecida, porque ela permite também aquelas, aqueles novos sujeitos a serem dizer assim desafiados a construir dias melhores, mas é construir a partir do conhecimento, porque no momento em que a educação consegue adentrar ela vai tocar não

só, não é só uma família, não é só um estudante, tem vários sujeitos naquele espaço, então a educação ela, ela é a base, ela nos permite a dizer que existe Território. (Participante 2, 2023).

Como pode ser narrado na fala da Participante 2, a educação para o Território é uma importante aliada, pois por meio dela pode se alcançar um maior número de sujeitos, fazendo com que esses se sintam pertencentes e possam somar na luta Quilombola para assim, atingir o progresso e a efetivação dos direitos em sua totalidade.

Então todo esse aspecto cultura que é fortalecido a partir do Reisado, São Gonçalo, Penitentes, dança afro e oralidade acabam tornando essa organização do Território, mais forte e isso vai ter implicação direta nas lutas por direito que serão discutidas na próxima seção.

4.3 As principais lutas do Território Quilombola Águas do Velho Chico

As lutas do Território Quilombola Águas do Velho Chico têm implicação direta com o reconhecimento do Território, ou seja, uma das principais lutas é a luta pelo Território em si, pois ainda não é uma causa ganha, tendo em vista que o processo de titulação ainda se arrasta pela justiça. Então, além do reconhecimento, houve também a preocupação de organizar as comunidades, sendo formadas associações comunitárias como a firma a Participante 1, ao destacar que:

[...] o Território Águas do Velho Chico entendeu que todas as comunidades deveria ter uma representação para poder juntas lutar e para ir para o município, pra vários setores, a gente foi pra área da saúde, assistente social, da cultura então a comissão, aí juntou a comissão, então a comissão é formada por lideranças que são presidentes de associações. (Participante 1, 2023).

As associações foram e continuam sendo o meio mais viável que o Território encontrou para se manter unido na luta por direitos, o Participante 5 corrobora com a Participante 1 ao refletir que:

[...] a comissão é que fica responsável por essas questões de organicidade né? Entender que cada um já entende como, como funciona cada comunidade e aí se junta e a partir disso, norteia o processo de regulação fundiária do Território né? E aí dentro disso existe até a necessidade de criar uma associação por isso que existe a questão da liderança né? Porque você precisa criar uma, uma associação para que essa associação fique responsável pelo todo o processo, e aí nisso a gente começa de certa forma a organizar essa questão da

especificidade do povo na área da educação, na área da saúde, da agricultura, entendeu? Então as lideranças existem sim cada um em sua comunidade e a partir disso a gente forma a comissão, que hoje é o que norteia todas as políticas públicas das comunidades né? [...] (Participante 5, 2023).

Como bem relatado pelo Participante 5, dentro das cinco comunidades que constituem o Território, existem as associações comunitárias, formadas pelas comunidades e pelas lideranças que respectivamente formam a comissão Quilombola. Sobre a comissão o Participante 6 relata que:

[...] a gente pegou essas pessoas e aí não formou um grupo homogêneo é totalmente heterogêneo tem, tem pessoas mais velhas que compõem, pessoas novas que a gente entende também que tem que ter pessoas novas, é uma comissão também plural e ela é aberta também é pra, pra composições mas digamos que a gente tem um núcleo duro dessa comissão, então a gente tem uma comissão que é formada por lideranças que é por pessoas que tem uma articulação política dentro das comunidades e também por representações das associações, então a gente tem digamos esse corpo coletivo pra pensar o Território hoje. (Participante 6, 2023).

A seguir, a Figura 20 ilustra o prédio da associação de uma das comunidades Quilombolas do Território Águas do Velho Chico, denominada Associação (ASCOQUIVI)¹

¹ As demais associações são: NOME E SIGLA de cada uma

Figura 20 - Prédio da Associação Comunitária dos Quilombolas do Vitorino



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

As associações são espaços utilizados pelos moradores para articulações da comunidade, nesses acontecem reuniões, palestras e formações.

A mobilização dos moradores na luta por direitos, se deu a partir do conhecimento da luta Quilombola, onde as pessoas foram tendo entendimento e sentindo-se parte desse processo, nesse sentido a Participante 2, ressalta sua inserção na luta por direitos ao apontar que:

[...] a partir dos meus eu tinha aqui o que 18, 19 anos eu entrei na luta né? Aí comecei a partir disso também na luta sindical que foi a partir daí que me mostrou quais as formas de organização de classe, entre as organizações de classe estava exatamente a lacuna enquanto Quilombola, a gente ver muita MST, reassentados cada um deles tinha um desafio que é lutar pela identidade e pelo processo do direito seja a terra e outros, e nesse espaço sempre tinha assim a escassez de Quilombola, estava na luta mas não era reconhecido como público que precisa, então aí a partir da luta de sindicato eu também que se casava com do Território eu buscava o espaço para demonstrar também que na organização de campo e classe também tem os quilombolas [...] (Participante 2, 2023).

A participante 2 destaca a importância da sua participação em movimentos sindicais, pois a partir destes ela adquiriu entendimento sobre a luta social, o que a impulsionou a defender

a luta Quilombola, que como a mesma relata não tinha respaldo, ou seja, não era tida como uma organização com direitos dentro do município.

Então a partir do conhecimento e parceria com alguns movimentos que visavam o mesmo objetivo, as lideranças foram reconhecendo a importância da organização social na busca por direitos e foram trabalhando dentro das comunidades para que as pessoas tivessem conhecimento da luta Quilombola a qual, de fato, era algo novo que muitas pessoas não compreendiam.

Nesse tocante, o Participante 5, enfatiza que o processo de conscientização dos moradores sobre a luta quilombola é algo difícil ao relatar que:

[...] a gente teve quase que ressignificar o que o pessoal pensava em relação a cultura negra, então a gente tem dificuldade na própria aceitação das pessoas enquanto negros, nós ainda temos que considerar que tudo que era negro era ruim, como é que agora de uma hora para outra o negro é algo que é valioso, é interessante ser estudado né? E outras questões pelo próprio poder público que não reconhece algumas especificidades né? Eles trabalham nessa questão do, do geral eles não aceitam essa questão do específico de trabalhar uma educação específica, uma saúde específica, trabalhar a parte cultural mais específica[...] (Participante 5, 2023).

O participante 5 reflete acerca das dificuldades no processo de desmistificar a imagem que a população tinha sobre o negro, destaca também a dificuldade em relação ao poder público que não se sensibilizou de imediato com as especificidades Quilombolas.

Uma outra luta, paralela foi destacada pela Participante 1 que, em seu depoimento, traz a ameaça das barragens, segundo a mesma, os moradores do Território enfrentam também a luta contra esses grandes empreendimentos, por se tratar de um espaço constantemente ameaçado por projetos de barragens, segundo ela:

[...] quando a gente luta para que não aconteça uma barragem, a gente tá lutando para o Território não morra, porque as culturas tá ali dentro, meus avós foram enterrados aqui, quando tem uma barragem vai afundar e a gente vai ter que sair para outro lugar então a nossa história morreu, fica ali e é isso que a gente não quer. (Participante 1, 2023).

Os Quilombolas do Território Águas do Velho Chico não lutam simplesmente por terra, mas pela valorização cultural, ancestralidade, direito a políticas públicas e garantia de uma educação que contemple suas especificidades, pois é nítido que a educação é uma das principais ferramentas no processo de luta desse povo, pois a partir dela pode-se desconstruir a

imagem que por muito tempo foi reproduzida acerca do negro, como podemos observar na fala do Participante 5, ao afirmar que:

[...] então essa educação específica é fazer esse resgate e fortalecimento dessa, da história do negro né? Nesse processo todo né? Que o negro ele, ele meio que desenvolveu o Brasil mais desenvolveu de que forma? A forma de subserviência né, servido a outro e aí todos os seus costumes ficava que nem aquedes. Então a nossa educação é fazer meio que um resgate e fortalecer o que, o que é nosso de origem né? Desmistificar essa questão que o negro é algo que não é valorizado, que não presta [...] (Participante 5, 2023).

A educação Quilombola é trazida pelo participante 5, como uma ferramenta decisiva, no processo de ressignificação de um povo, que durante muito tempo pregavam uma educação eurocêntrica e a luta do Território se deu muito nesse sentido, ou seja, na busca por uma educação que valorizasse e contemplasse suas especificidades.

Nesse sentido, a Participante 1 relata como ocorreu a luta pela educação Quilombola no Território ao descrever que:

[...] o processo de luta começou com um estudo, tivemos que estudar muito a carta de princípios, a gente não dormia a noite estudando a carta de princípios, todas as leis que é de educação específica, a LDB então foi muito estudo, muito estudo e dentro desses estudos a gente encontrou parceria e dessa parceria com Conceição das Crioulas foi fundamental, a parceria com o município a secretária Aparecida que era de educação e ela teve essa sensibilidade de sentar com a gente, escutar qual era o nosso processo de luta, levar para o município então assim ter uma sensibilidade, a gente teve que sensibilizar os órgãos públicos [...] (Participante 1, 2023).

A participante destaca o início da luta pela educação Quilombola, enfatizando que se deu a partir de uma equipe que se dedicou ao estudo de documentos e leis, além de parcerias com pessoas que já tinham um melhor conhecimento sobre o assunto. A participante 2 destaca ainda que:

[...] o processo de luta começou exatamente pela a né? Educação específica exatamente a partir dos momentos que a gente começou a participar das conferencias municipais, agora o ano eu não vou poder, não tenho agora como dizer, mas eu sei que foi a oito anos atrás[...] (Participante 2, 2023).

Nessa fala da Participante 2, percebe-se que houve toda uma busca, afim de obter conhecimento para melhor lutar pelo que se almejava e para melhor entendimento da luta pela educação no Território, o Participante 5, afirma que a luta:

[...] surge muito logo, logo no início em 2007 quando a gente dá início no processo de certificação das comunidades quilombolas, em 2009 a gente certifica as cinco comunidades. Então a partir desse ano já começa meio que pensar como trabalhar essa especificidade na saúde, na, na agricultura, na educação na, na cultura, então foi a partir daí que a gente começou [...]
(Participante 5, 2023).

O participante 5 afirma que desde o início ouve a preocupação com um todo e principalmente com a educação Quilombola. Nesse contexto, a Participante 1, discute a cerca desse processo enfatizando que:

[...] o processo foi lento e ainda continua sendo lento, ainda tem muita coisa a se fazer, mas o que a gente conseguiu, a parceria nos ajudou bastante tivemos parceria com o município, tivemos parceria com a UNESCO no projeto a gente foi até aprovado e cadastrado na UNESCO, tivemos parceria da UNIVASF, parceria de, do CEDC, centro Luiz Freire, com o programa Criança com Todos os seus Direitos foi assim um ponto chave que acordou assim o nosso Território que assim oxente nós temos direito e porquê que a gente não luta pra exercer esse direito, então as parcerias foram muito importante. (Participante 1, 2023).

A participante 1 reconhece a importância das parcerias com entidades e programas durante o processo de luta que acontece de forma lenta devido a diversos fatores. A Figura 21 faz referência a fala da Participante 1 e ao selo da UNESCO presente na Escola Quilombola Águas do Velho Chico.

Figura 21 - Selo da UNESCO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Esse selo foi uma conquista do Território e representa a associação da Escola Quilombola Águas do Velho Chico com a UNESCO. Além das parcerias a comissão buscava se agarrar a tudo que defendia seus direitos enquanto população tradicional na luta pela educação específica, isso é nítido na fala da Participante 2, ao relatar que:

Então a gente tinha um grupo que representava o Território e a gente queria que ali a partir né, também da legalização que a gente tinha e tem que é a carta de princípio da educação escolar Quilombola e também que é um marco legal que é o documento 08, então a gente tinha esses documentos e a constituição federal, a gente sempre levava estes documentos em base e chegava lá a gente dizia a gente quer que no município seja visto isso até que a gente conseguiu que no plano municipal de educação, a gente pudesse colocar o cargo né, o cargo e carreira, o profissional Quilombola desde do porteiro, motorista, merendeira todos esses fossem tidos como cargo né? No programa de cargo e carreira do município a gente pudesse ter também esse profissional entendendo que é quilombola, não saiu do papel né, esse processo de plano cargo e carreira enquanto profissional, porque quando veio o concurso municipal não atendeu essa especificidade o plano municipal a parte do recorte da educação escolar Quilombola foi tirado então eles botaram a gente nu bolo como educação do campo, então para ser mais sucinta a gente entrou com ação negando esse processo que aconteceu dentro do município, não conseguimos parar o concurso por meios jurídico e infelizmente o nosso povo que foi que passou pouquíssimo não no plano de cargos e carreira, não são reconhecido como profissionais quilombola [...] (Participante 2, 2023).

A Participante 2 reflete acerca dos entraves na busca por reconhecimento dos profissionais do Território como Quilombola, destaca também que o plano de cargos e carreiras desenvolvido pela comissão que contemplaria os profissionais do Território foi barrado e com isso, não houve vagas específicas no concurso municipal para o Território Águas do Velho Chico o que resultou em poucos aprovados no Território, por não ter o reconhecimento como profissionais Quilombolas.

Nesse Sentido, durante a luta pela educação Quilombola as lideranças do Território Águas do Velho Chico se depararam com muitas dificuldades, a esse respeito o participante 6 relata que:

As principais dificuldades que a gente encontrou é o governo local não reconhece assim não reconhecer a nossa especificidade né? Pra isso a gente precisou tipo normatizar isso ter normativas legais para trazer e mostrar é isso, na verdade é o que mais gera muitas vezes, claro tem, tem as barreiras, mas o desconhecimento do, do poder municipal, do poder estadual e até nacional né? A gente tinha que explicar pra elas o que era educação escolar Quilombola, pras pessoas né? E eles pensava que não existia tipo a gente via falar em educação indígena, mas o pessoal não via falar em educação Quilombola,

então a gente precisou fazer formação mesmo com as pessoas né? [...] (Participante 6, 2023).

O participante 6 nos faz refletir acerca do desconhecimento do poder público e o quanto a luta pela educação no Território foi difícil, pois existia o desconhecimento sobre o povo Quilombola no município que refletia também na educação e para que esses pudessem serem notados tiveram que articular formações e conversas com as entidades municipais, estaduais e até nacionais para tentar explicar como a educação deveria acontecer nessas comunidades Quilombolas.

Nesse sentido, o Participante 5 afirma que, “[...] reconhecer nossas práticas, é um dos maiores problemas do poder público né? Até porque a gente pensa nas políticas, mas quem executa é o poder público [...]”, ele demonstra uma certa preocupação ao destacar que a parceria com o poder público é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas favoráveis ao Território e que existe um impasse nesse sentido justamente pela falta de reconhecimento.

Nesse contexto o Participante 6, corrobora com o Participante 5 ao relatar que:

[...] o desafio maior foi isso, além do desconhecimento a falta de abertura para que as coisas acontecessem, então muitas vezes a gente teve que bater não nossa educação é diferenciada e vai acontecer dessa forma, mas, mas não tem é contra a lei, não, não é contra a lei é contra a nossa história local, então acho que um dos principais desafios foi isso. (Participante 6, 2023).

O Participante 6, revelou que pela falta de reconhecimento muitas vezes tiveram que bater de frente com o poder público pela defesa de uma educação que valorize sua cultura, ancestralidade, crenças, religião, enfim todos os saberes presentes no Território.

Em relação a participação da comissão Quilombola do Território na política educacional do município o Participante 5, afirma que, “[...] existe quase que por forçação nossa, assim porque não existe essa questão deles nos reconhecer como tal, a gente meio que coloca, é tipo assim aquele respeito que a gente meio que conquista na marra [...]”, percebe-se que a participação na política do município no que diz respeito a educação, não acontece da forma desejada, ou seja, não se tem uma abertura para que isso aconteça de forma harmônica.

A Participante 2, destaca que na luta pela educação houve desafios ao relatar que, “[...] nos desafiou no que eu digo assim há oito anos, quando a gente foi bater nas portas de gestores para exigir que tenha uma seleção específica, que atenda às necessidades de Quilombola, a gente recebeu um não [...]” ela se recorda dos desafios e não que receberam durante as conversas com os gestores do município, pois pela falta de preparação e reconhecimento

daqueles, não atendeu as demandas levantadas pela comunidade. Nesse contexto, a Participante 2, ao remeter à memória, afirmou ainda que:

[...] quando a gente foi fazer isso há 8 anos atrás, eles disseram assim cadê os profissionais? Como é que vocês podem exigir uma seleção específica, se vocês não têm demanda, vocês não têm profissionais para atender a demanda. [...] porque antigamente oito anos atrás praticamente 95% dos profissionais que atuava vinha da cidade e a gente foi daí que começou a fazer o levantamento de quantas áreas, quantas tinham pessoas cursando, onde não tinha e fomos assim cutucando as pessoas pra dizer façam faculdades, se profissionalize [...] (Participante 2, 2023).

A Participante 2, lembrou em sua fala que o poder público se negou a atender suas demandas devido à falta de profissionais aptos para atuarem dentro do Território, com isso a comissão precisou se mobilizar e fazer um trabalho de porta a porta, tipo que conscientizando as pessoas a estudarem para que assim pudessem trabalhar dentro das comunidades e conseguir o que se tem hoje uma educação Quilombola que luta para que os professores sejam do Território.

Em relação a uma educação Quilombola, o Participante 6 destaca que:

Um desafio maior que eu acho assim que é bem, é bem difícil primeiro é isso é uma educação ainda que a gente precisa avançar no sentido de valorização. Valorização institucional mesmo sabe? Valorização no sentido das instituições reconhecerem a, a existência daquela educação, porque o reconhecimento que eu estou dizendo é o que é valorização no sentido tá, a gente tem profissionais quilombolas e a gente tem que brigar muitas vezes para os profissionais quilombolas atuarem no Território entendeu? (Participante 6, 2023).

O depoimento do Participante 6, nos leva a entender que mesmo com professores formados no Território, não se tem uma aceitação por parte do município, pois para que esses atuem é necessário brigar, ou seja, existe uma barreira que precisa ser derrubada e os desafios superados, porém, estes desafios ao que parece, sempre irão existir e como podemos observar na fala da Participante 3, que afirma que algumas dificuldades do início do processo ainda são visíveis ao falar que:

[...] quando a gente foi implantar a, a educação, as diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola, a gente tentou já levar porque ela foi, ela foi sancionada em 2012, porém 2008 a gente já estava, já estava começando os estudos e aí a gente já, já pleiteava uma educação específica pra gente, desde de questão de merenda, desde de questão de professores, de matérias escolar e ai uma das, dos gargalos que até hoje é no Brasil é, é a questão da atuação e

da aprovação dentro das instituições de ensino em relação a, a, a, a modalidade da educação escolar Quilombola que a gente colocou em 2016 e só foi sancionada em 2020 as diretrizes aqui no município de Orocó. E eu acho que é um dos maiores gargalos que a gente tem, tem e ainda continua enfrentando. (Participante 3, 2023).

Como pode ser reafirmado pela participante 3, a educação escolar Quilombola no município de Orocó ainda caminha em passos lentos, tem-se as comunidades Quilombolas, as leis, mas infelizmente a educação não ocorre como deveria.

Nesse contexto o Participante 5, chama atenção quando destaca que a educação deveria ser:

[...] uma educação que fosse a contento do que diz todas as partes da lei, lá nas nossas leis tem vários capítulos lá, se a gente for meio que refletir sobre não são todos que são colocados em prática por muito da resistência local entendeu? Em não reconhecer e só essa própria lei nossa foi briga né? Enquanto do convencimento com os vereadores na época para convencer o próprio prefeito né? Passou dois anos pra aprovar essa lei só, só por isso a gente ver a dificuldade que é (Participante 5, 2023).

O Participante 5 reafirma em sua fala as dificuldades na relação com o poder público municipal e relata que além de se organizarem, lutarem, estudarem desenvolverem leis que contemplem a educação escolar Quilombola, eles ainda precisam convencer as autoridades, querendo ou não, essas questões acabam prejudicando a efetivação da educação escolar Quilombola em relação a formações, materiais pedagógicos entre outros, diante disso, a Participante 3, afirma que:

[...] nacionalmente a gente tem essa dificuldade de formação continuada, tanto no município, tanto no estado, como nacionalmente essa é uma questão forte, porque a gente precisa dessa formação continuada e específica, de uma formação específica, a gente precisa e é uma das coisas que eles dizem, nós não temos recursos, sempre ressalta isso nós não temos recurso. (Participante 3, 2023).

Essa Participante, evidência que a educação existe, só que de forma fragmentada devido à falta de compromisso do poder público seja municipal, estadual ou federal. Ainda sobre as formações específicas, o Participante 5, afirma que:

Não, não tem, boa parte das formações é a gente que, que meio que norteia entendeu? E nunca houve uma e aí eu afirmo, porque faço parte do processo de formação voltada por município em relação essa questão específica a, as formações que teve sempre foi das lideranças, buscar algumas pessoas que já

desenvolvia em outros municípios como o pessoal de Conceição [...] (Participante 5, 2023).

O Participante 5, reafirma que não existe as formações específicas e que as poucas que acontecem são desenvolvidas pela comissão com ajuda das comunidades Quilombolas como Conceição das Crioulas. No que diz respeito a materiais didático a Participante 2, relata que:

[...] material didático a gente não tem, o que tem é os professores que buscam por parte própria e estudam mais do que dizer assim era possível né? Que é você pegar um plano que tem destinado dentro do dali, de aula e você incluiu o que, que atende a necessidade local, o que, que a necessidade local possa ser vista daquele conteúdo, então isso é realmente assim um dos desafios hoje, pra se ter educação específica. (Participante 2, 2023).

A Participante 2, destaca as dificuldades pela falta de apoio no fornecimento de matérias específicos que possam contribuir com o melhor desenvolvimento da educação escolar Quilombola e da ênfase ao comprometimento dos professores com a educação do Território.

Nesse tocante, a Participante 1, relata algumas dificuldades acerca de alguns documentos normativos da educação ao falar que:

O desafio é grande porque nós temos o currículo de Pernambuco que tem que ser seguido, nós temos a BNCC [Base Nacional Comum Curricular] que tem que ser seguida, nem o currículo de Pernambuco e nem a BNCC não deu visibilidade a, a educação escolar quilombola e a gente tem que adequar o, as habilidades a nossa realidade, ou seja, já tá no século XXI e a gente ainda tem que adequar[...] não tem nada específico pra quilombola, então a gente tem que produzir nossos materiais, a gente tem que, eu cordelista eu produzo os cordéis trago pra escola os meninos produzem uma poesia a gente coloca no mural, outro faz uma música, a gente traz isso como material pedagógico, mas a gente não tem essa abertura por isso que a gente tá lutando agora pra ter um currículo específico e tá na luta. (Participante 1, 2023).

Assim, destaca a invisibilidade da educação escolar Quilombola em documento que precisam ser seguidos, como é o caso do currículo de Pernambuco e a BNCC, enfatizando que o professor é o principal responsável na produção de materiais que auxiliem no ensino. Nesse sentido, os principais agentes na luta pela educação Quilombola para a Participante 2 são, “Hoje eu digo que são muitos sujeitos e eu acho muito, muito valioso, a começar pelos próprios professores.” Nessa fala a Participante 2 dá um destaque maior aos professores, diferente da Participante 1 que defende que:

[...] os principais agentes dessa educação específica são nossos mais velhos, é eles não tem registro, tipo na LDB não fala assim se você procurar um registro assim vai dizer que é professor, vai dizer que é A ou B, mas os mais velhos eles são nossos principais protagonista dessa educação que a gente vivencia, eles são nossa biblioteca viva, quando eu vou em tia Juana e peço a ela um bendito e eu trago aquele bendito como ferramenta pedagógica ela é o nosso principal, e aí eles não são formados academicamente falando mas se não fosse essa essência a gente não teria conseguido. (Participante 1, 2023).

Como pode ser informado pela Participante 1, não existe nenhum documento que afirme que os mais velhos são os principais agentes na luta, mas ela valoriza e reconhece a importância desses em todo o processo do Território e especificamente na educação, pois é a partir dos conhecimentos e saberes dos mais velhos do Território, que a educação está ressignificando a história desse povo.

A Participante 2, revelou que existe:

[...] uma disputa muito grande de espaço de poder, mas a gente tem, não conseguimos a secretaria municipal de educação específica e nem muito menos departamento que é uma das nossa proposta de governo, mas a gente tem uma vereadora que querendo ou não ela tá ali, como dizer assim como base legal que possa nos fortalecer nesse processo porque uma coisa que a gente tem como anseio, os desejos que a gente tem como assim construção coletiva, outra coisa a gente tem como base legal [...] (Participante 2, 2023).

A presença de uma vereadora na câmara municipal é colocada na fala da Participante 2, como algo muito importante, pois a mesma relata que por meio dessa vereadora conseguiu cobrar as políticas públicas para o Território a partir de uma base legal. A respeito de ter se conseguido uma cadeira na câmara municipal de Orocó a Participante 3, afirma que:

[...] a gente conseguiu uma cadeira na câmara municipal porque a gente entrou sem dinheiro e as pessoas viram que o que a gente conseguiu até hoje dentro do Território, foi através de uma luta, uma luta coletiva, uma luta de movimento, eu acho que aos poucos as pessoas vão se identificando através da luta. (Participante 3, 2023).

Nesse sentido, sua fala, ressalta a importância da luta social do Território Águas do Venho Chico que ocorre de forma coletiva e o quanto essa luta tem sido importante no processo de identificação dos moradores do Território, tendo em vista, que a resistência dos moradores no sentido da aceitação de uma educação Quilombola foi algo bastante presente, a respeito da resistência o Participante 6 refletir que:

[...] abolição de escravatura né, libertou os escravos, mas ela deixou mazelas ela deixou mazelas e as mazelas é isso as pessoas muitas vezes é na verdade houve uma lavagem cerebral nas pessoas [...] então assim a resistência eu assumo a resistência natural, não encaro como resistência a danosa ou gravosa, não acho sabe, mais assim é a questão mesmo de familiaridade com os termos, familiaridade o processo de luta né? [...] (Participante 6, 2023).

É possível perceber pela fala do Participante 6, que a resistência se deu na maioria das vezes pelo contanto com o novo, pela falta de familiaridade com termos como Quilombolas, algo antes desconhecido por partes dessas pessoas e também pelo contexto histórico e social que durante anos foi propagado acerca do negro.

O Participante 6, destaca ainda que, “[...] o Quilombola infelizmente ele nasceu, com maior crime que eu considero, que é o crime de identidade, com a negação do direito a identidade, então a gente teve que resgatar a identidade [...]”, a fala do participante 6, revelou o reconhecimento da comissão e que a resistência dos moradores são frutos do apagamento da história que hoje busca valorizar.

Nesse sentido, a Participante 2, afirma ainda que a resistência, “[...] existe porque na maioria das vezes é muito difícil para eles mesmo se entender como Quilombola, a partir de um processo que foi negado, o direito de se pensar sobre identidade [...]”. Outro depoimento que chama atenção é da Participante 1, ao relatar que:

[...] a gente ainda encontra resistência das famílias que ainda não entenderam o processo de luta infelizmente, mas em compensação os que já entenderam a gente já conseguiu uma massa maior de pessoas que entenderam, o feriado alguns ainda fica pensado porquê tem feriado aqui? Um exemplo se é feriado no Vitorino de Santa Cruz então para a mata, Caatinguinha, Remanso, Vitorino todo mundo para, porque é feriado de Santa Cruz, mas ainda tem algumas pessoas que não é do Vitorino que é da Mata, que é da Caatinguinha e fica não deveria parar só o Vitorino porque é feriado de lá? E a gente, gente a nossa luta é coletiva se vocês entenderem que a luta é coletiva, então você nunca vão questionar[...] (Participante 1, 2023).

A Participante 1 destaca que muitas pessoas já conseguiram entender o processo de luta, mas que ainda existe questões importantes como os feriados específicos que não são compreendidos pelas comunidades, a respeito disso a Participante 3, refletiu que:

[...] principalmente quando se fala em calendário específico, nem todos querem, nem todos aceitam entendeu? Acha que é errado, se você acha que é errado a gente parar num dia, quem eu pergunto quem foi Tiradentes pra nós? Enquanto movimento, enquanto comunidade aqui, e quem é Santa Cruz? Quem é Santo Nino? Quem é São João Batista? [...] então quando a gente fala assim é do, do calendário específico é um dos gargalos pior e, e o calendário

específico tá dentro da educação né? A educação escolar Quilombola ela não fica só entre quatro paredes, ela vai além disso, ela vai pra o terreiro, ela vai pra roça, ela vai pra igreja, ela vai pro velório, isso é uma educação, um tipo de educação Quilombola que a gente quer e que a gente exige [...] (Participante 3, 2023).

A Participante 3, relatou as dificuldades acerca do calendário específico e da ênfase a educação que se quer dentro do Território, nesse sentido, na seção seguinte será discutido sobre as conquistas a dívida da luta Quilombola, nesse sentido, as conquistas são bastante importantes, pois despertam nos moradores o desejo de unir-se e lutar por direitos.

4.4 Conquistas advindas da luta quilombola

O processo de luta por direitos no Território Quilombola Águas do Velho Chico é marcado por conquistas bastante significativas, que são frutos das lutas coletivas e da persistência dos moradores e comissão Quilombola que se manterão firme em todo processo de luta.

A Participante 1 reconhece que houve várias conquistas no Território e afirma que:

São muitas, muitas conquistas, mas a maior delas foi as pessoas se identificar como Quilombolas, que assim era um desafio muito grande, ainda hoje ainda tem pessoas no Território que não se identificam como Quilombola, se identificam como Quilombola de benefício, o que é que eu vou ganhar lá em casa? Eu vou ganhar uma feira? Eu vou ganhar um, eu vou entrar no PAA? Eu vou entrar na associação porque lá tem coisa pra mim? Ainda é um desafio do Território a ser vencido [...] (Participante 1, 2023).

A Participante 1 entende que o reconhecimento e identificação dos moradores é uma das maiores conquistas, pois quando tem essa aceitação a luta se torna mais forte, ao mesmo tempo, a Participante ressalta que ainda existem pessoas que não se identificam e visam apenas os direitos que a luta Quilombola pode proporcionar.

Em relação as conquistas o Participante 6, afirma que, “[...] tem algumas que são importantes, primeiro a questão de construção de casas né? Acho que foi um avanço muito importante [...]. Sem dúvidas essa conquista relatada pelo Participante 6, foi muito importante, pois foram construídas diversas moradias de alvenaria que substituíram a maioria das casas de taipa que existiam no Território.

O Participante 4, corrobora com a afirmação do Participante 6 ao afirmar que:

Rapaz, as conquistas são suadas, mas o bom que a gente alcança né? Nós temos é habitação quilombola, são as casas né? E foi adquirida pelo o conhecimento e a parceria da caixa econômica com o Território, com as associações, aí foi a Bemorar a construtora [...] primeiro foi o primeiro pacote de 50 casas, depois a gente adquiriu mais um segundo pacote, entre todas a gente fez 284 casas no geral, 284 por aí justamente dentro do Território [...] (Participante 4, 2023).

Em relação a conquista da educação Quilombola o Participante 5 discute que, essa contribui de forma significativa com o Território ao falar que:

Primeiro fortalece essa cultura como eu falei antes sabe? Essa cultura de, de mostrar a cultura do negro como algo bom, porque a gente viveu na sociedade que tudo que era relacionado ao negro era, era descaracterizado, era considerado como algo ruim, então a educação vem pra valorização disso né? Para valorização de algumas culturas também que não é tão valorizada como a gente tem uma agricultura familiar muito forte, mais que não é tão desenvolvida, não é tão praticada [...] (Participante 5, 2023).

A fala do Participante 5 demonstra que a educação Quilombola é importante para o Território, pois por meio dela, pode se quebrar paradigmas impostos pela sociedade e propagar uma educação que de fato valorize a cultura negra e todos os costumes praticados no Território. Em relação as contribuições da educação Quilombola a Participante 3 destaca ainda que:

[...] antigamente a gente via muitas meninas passar, alisava e hoje você ver muitas, muitos dos nossos jovens já deixando seu cabelo cacheado, porque antes não tinha, isso é uma das [...] identidades que a gente já ver, a gente já ver pessoas dizer eu sou quilombola, se identificam como quilombola [...] (Participante 3, 2023).

A Participante 3 reafirma a questão da identidade negra que começou a ser reconhecida pelas pessoas do Território, principalmente pelos jovens a partir da Educação Escolar Quilombola, que contribuiu com o processo de reconhecimento identitário.

Nesse sentido, a Participante 1 relata que:

[...] a educação escolar quilombola que é diferente, ela começou a partir das diretrizes até antes né? Assim em 2014, em 2014 foi quando a gente conseguiu que os professor da comunidade entrasse, até então tinha que vim professor de Cabrobó, tava perdendo a cultura, tava perdendo a identidade e aí quando foi em 2016 a gente conseguiu aprovar uma lei em Orocó que foi o prefeito Dedi e em 2018 conseguimos levar as diretrizes, que era pra amarra essa, essa educação específica, em 2020 conseguimos aprovar, então de uma forma ou de outra assim é documentado registrado em lei, foi a partir de 2016 que a gente conseguiu colocar na comunidade, na escola, mas bem antes da gente ser professor a gente já tava na associação fazendo essa organização, as

associações tem um papel muito importante na educação do Território. (Participante 1, 2023).

O relato da Participante 1, ressalta algumas leis que foram articuladas por meio das associações e com a luta coletiva conseguiram ser aprovadas. Em termo de educação Quilombola o participante 5, ressalta que, “[...] essa escola Águas do Velho Chico, ela meio que dá um pontapé nessa questão, dessa educação específica [...]”, o Participante 5, informou que a partir da Escola Quilombola Águas do Velho Chico a luta pela educação Quilombola se tornou mais forte.

O Participante relata ainda que:

[...] a partir dessa escola aqui, não porque essa escola meio que, que colocando ela num ponto tão importante, que as outras também são, mais tipo assim entendendo que a partir disso a gente começou a pensar na lei que a gente não consegui desenvolver uma educação sem a gente consegui operacionalizar ela né, tornar ela lei e a partir das leis é que vem recursos entendeu? Então é tudo isso então a partir de 2016 que a gente começa pensar em leis [...] (Participante 5, 2023).

A escola Quilombola Águas do Velho Chico é colocada pelo Participante 5, como uma referência na luta por leis que garantam a efetivação da educação específica no Território. A Figura 22 ilustra a Escola Quilombola Águas do Velho Chico, localizada na comunidade Quilombola Umburana.

Figura 22 - Escola Quilombola Águas do Velho Chico



Fonte: Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, (2023).

Essa escola tem uma ampla estrutura e acolhe alunos de todo Território Quilombola, além das comunidades circunvizinhas. Sobre a escola Quilombola Águas do Velho Chico, o Participante 6, ressalta que:

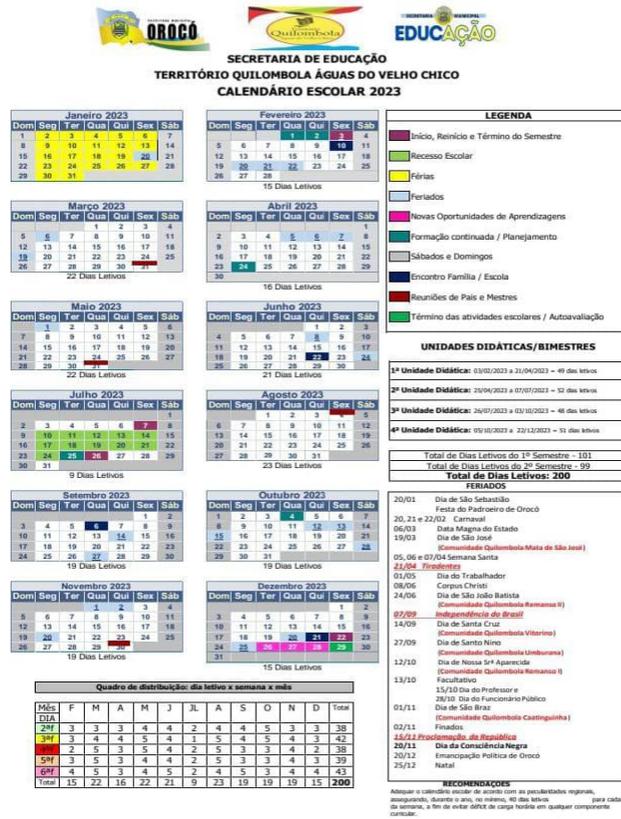
[...] em termo de estrutura né, acho que a escola, a escola quilombola Águas do Velho Chico né? Foi uma principal conquista também né? Das comunidades porque trouxe o ensino também o ensino fundamental né? Antes só tinha, só o fundamental 1 dentro das comunidades, a gente conseguiu o fundamental 2 que aí veio também da escola do Vitorino e depois foi pra a escola da Umburana, foi pra escola Águas do Velho Chico, acho que foi uma conquista né? O ensino fundamental 2 e também o ensino médio, acho que considerar também uma, uma conquista e também a gente conseguiu também as diretrizes curriculares municipais com a educação escolar quilombola [...] mas dentro da educação digamos que as diretrizes porque a diretriz hoje é que garante que a gente tenha um calendário diferenciado, que a gente tenha contratação de professores da comunidade [...] (Participante 6, 2023).

O Participante 6, resalta as contribuições advindas da construção da escola Quilombola, ressaltando os direitos adquiridos como o ensino fundamental I e II que como foi destacado pelo Participante passaram da escola do Vitorino para a escola da Umburana, isso em decorrência da estrutura, o mesmo discute ainda sobre a conquista do ensino médio e afirma que as diretrizes curriculares municipais são o que garante direitos como professores do Território e calendário específico.

O calendário específico é um documento elaborado pelo Território que tem datas específicas como dia dos Padroeiros, essas datas substituem alguns feriados que não são significativos para o Território, além disso o calendário específico assegura paradas nas escolas do Território em caso de falecimento de algum dos moradores.

A seguir, a Figura 23, ilustra o calendário seguindo pelas escolas do Território.

Figura 23 - Calendário escolar 2023



Fonte: Imagem cedida pela Participante 1, (2023).

Sobre a luta pelas diretrizes a Participante 1, relata que:

[...] nós temos as diretrizes, então porque que a comunidade do Território Quilombola Águas do Velho Chico juntou escola, família, pais, mães, os anciãos, os mais antigos? pra poder lutar por essa diretriz, para não perder a oralidade, para poder ela ser escrita, registrada e se transformar em material pedagógico para o ensino e aprendizagem das crianças, então se a comunidade ela entra para dentro da escola e as duas ela tem o objetivo de garantir a preservação dessa validade de forma escrita e registrada, então a gente vai ter certeza que as outras gerações elas não vão se perder no caminho. (Participante 1, 2023).

A Participante 1, relembra a união de todos do Território na luta pela aprovação da Diretrizes Curriculares Municipal da Educação Escolar Quilombola e discute que todos ter um papel importante nesse processo de garantia de uma educação específica no Território.

Ao falar da escola Quilombola Águas do Velho Chico a Participante 3, se emociona e afirma que:

Vanússia você não sabe o quanto é gratificante, você ser uma das pessoas que gritou, que estava ali pautando para a gente conseguir juntos, e de repente a gente consegue uma escola dessa, de repente conseguir dentro do Território né, conseguir que 90% dos nossos professores que seja do Território, conseguir ver pessoas assim como você sair para fora se ariscando e batalhando, para futuramente trazer uma, uma o seu conhecimento né? E para ampliar mais a nossa educação né? Então para mim uma das maiores conquistas do Território é a questão da nossa escola, porque sem educação a gente não somos nada, a educação é a porta para libertação. (Participante 3, 2023).

A Participante 3, deixa transparecer em sua fala o quanto se orgulha da educação que está sendo trabalhada hoje no Território, reconhece também a importância de os jovens saírem para estudar fora e após a formação poderem contribuir com as suas comunidades de origem.

Nesse contexto a Participante 2 destaca que:

[...] como maior conquista eu digo que é o acesso a educação mesmo fragmentada, mas hoje a gente tem maior número de profissionais de dentro do Território [...] tem psicólogos formados, a gente tem ciência pessoal formado em biologia, temos profissionais formados em ciências sociais, advogado, assistente social, vários pedagógicos né, licenciado nessa área [...] (Participante 2, 2023).

Hoje no Território existe um grande número de profissionais formados e aptos a trabalhar no Território. Porém, podemos observar no relato da Participante 2, que aponta ainda sua insatisfação com falta de valorização profissional ao afirmar que:

[...] a gente tá feliz com a valorização profissional? Não, mais hoje a gente tem vamos dizer assim respaldo de chegar até no Estado, não só no Município, mas no Estado e dizer queremos a seleção específica, porque a gente tem aqui um quadro de profissionais que atende as necessidades, são pessoas ligadas com a educação enraizadas nisso (Participante 2, 2023).

Ter pessoas formadas no Território foi algo importante na luta por direitos como seleção específica e isso contribui tanto com o processo educacional como com a vida pessoal dos moradores que fazem parte desse processo, pois conseguem ter uma rotina de trabalho menos acelerada, podendo assim contribuir de forma mais efetiva com a educação do Território, como afirma a Participante 1 ao revelar que:

Olha a primeira coisa que proporcionou foi o bem-estar da comunidade, ou seja, aqui no Território Quilombola Águas do Velho Chico todas as pessoas que trabalham na educação são da comunidade, isso facilita muito, o bem-estar, porque não tem concurso específico ainda, tamo na luta pra ter um concurso específico, para garantir que o trabalhador, a trabalhadora da

educação ela tenha a remuneração de qualidade né, que é de direito, mas tem uma vantagem maior que é das crianças ver que tem uma gestora negra, que tem uma professora negra, tem uma merendeira negra, tem um porteiro que então ele pode se espelhar na gente, coisa que a gente não teve na nossa infância [...] (Participante 1, 2023).

Esse depoimento, nos mostra o quanto a educação Quilombola com a atuação dos moradores do Território pode contribuir com a formação de pessoas que podem se sentir inspiradas na realização de seus sonhos a partir da influência dos profissionais da sua comunidade. Nesse sentido, a Participante 1 recorda ainda que:

[...] a pessoa que eu tinha como uma deusa era a Xuxa, uma mulher branca eu não tinha referência, eu queria ser paqueta da Xuxa, eu ficava triste porque eu era negra e ela só tinha brancas, então assim eu fui impactada muito, mais o importante foi que a gente conseguiu reverter esse quadro, tá mostrando que as crianças elas se inspiram em mim, em Jeferson, em Jacielma e então [...] cada uma dessas crianças tem um pouquinho da gente, olha o que facilitou eu como gestora da comunidade, do Território Quilombola Águas do Velho Chico eu conheço todas as crianças por nome [...] (Participante 1, 2023).

Nesse relato, a Participante 1 recorda um momento que marcou sua vida negativamente pelo fato de não ter em quem se inspirar quando criança, isso é bastante importante, pois por muito tempo, e ainda hoje de uma forma mais disfarçada, a sociedade baseia-se em padrões de beleza, e isso impacta as crianças de forma muito forte, como exemplo, trago as meninas que outrora, todas queriam ser paquetas da Xuxa, Barbie ou ter simplesmente a pele clara e o cabelo liso. Hoje, graças a muita luta, esse cenário vem mudando e como ressalta a Participante 1, mudanças advindas, graças a educação.

O participante 6 reconhece a importância da participação do Território nas políticas educacionais do município ao afirmar que:

[...] hoje a gente através dessa comissão Vanússia a gente consegue, tipo colocar pessoas da, das comissões dentro dos conselhos, tipo como conselho de educação, a gente consegue fazer esse diálogo, hoje a educação escolar quilombola ela acontece dentro do município, através das lideranças também e quando não acontece não é que a gente queira monopolizar é porque as, as pessoas que estão a frente do processo, que estão dialogando hoje a nível não só local, mas nacional, a gente tem uma Maria Senhora que hoje tá dentro do grupo Nacional da Educação Escolar Quilombola, então é uma pessoa que se a educação vai acontecer no Território tem que dialoga com essas pessoas, então assim hoje, hoje a educação acontece em é diálogo com as lideranças e com a comissão. (Participante 6, 2023).

Tal depoimento, afirma a participação ativa da comissão juntamente com o município no que diz respeito a educação específica, que tem toda uma representação do Território, afim de buscar algo que contemple suas especificidades.

A participante 1 reconhece que em alguns setores houve uma maior sensibilização do Município de Orocó, nesse sentido, a mesma relata que:

Em partes o primeiro apoio que a gente teve foi a sensibilidade, isso já foi um avanço, porque em Pernambuco dos três municípios Orocó foi o terceiro dos 190 e alguma coisa, do estado de Pernambuco e Orocó foi o terceiro a aderir, então a gente teve um avanço [...] então Orocó ele se sensibilizou com a educação específica, aí quando eu falo em partes é porque nem todos os setores de Orocó abraçou a educação como específica, o setor de educação avançou, mas em outros setores a gente não avançou, na cultura e outros setores, na saúde né, porque muitas vezes a gente vai lá e leva a demanda, mas vocês porque vocês? Tipo assim a pandemia chegou e a gente ficou e agora, as vacinas ia lá, não a vacina é pra todo mundo, não, mas a nossa é específica, tem uma lei para isso e isso, a gente ainda teve que sensibilizar aquele setor pra trazer uma barraca por Território, para dizer que o povo Quilombola a gente preserva os mais velhos, porque são nossa biblioteca viva (Participante 1, 2023).

A Participante 1, enfatiza que existe uma maior sensibilidade em termos de educação Quilombola, mas informa também a falta da mesma, em setores importantes como cultura e saúde, isso mostra que a luta por direitos no Território Águas do Velho Chico é constante, pois precisa-se de mobilizações frente as lutas diárias para alcançar as vitórias.

Nesse contexto, a Participante 2, não contém as lágrimas ao dizer que:

[...] e eu fico muito feliz porque tudo que hoje tem como conquistas, tipo a inclusão de nossa galera nas Universidades, nos Institutos Federal né? Toda vez que eu estou falando aqui eu choro é de lei, é chorar porque hoje eu está numa Universidade não é por mim, não é eu Ingrede, é toda minha família que não teve direito e toda vez que eu vejo nossos jovens entrando por mais difícil que a gente sempre diz entrar é fácil, permanecer é difícil, e esse ano de 2023 a quantidade de galerinha nova que eu digo assim, a juventude que está cursando, que entraram nos espaços do IF, por referência sua Vanússia, por referência de outros, eles estão nos espaços, então eu sei que eu fui uma janelinha que deu abertura para um monte, independente da gente dizer é difícil gente, a gente sabe do quer que é difícil [...] (Participante 2, 2023).

A Participante 2, testemunhou a importância de os jovens entrarem nas Universidades e pintarem esses espaços públicos de povo, pois por mais que exista as dificuldades é necessário que esses jovens aproveite as oportunidades de estudo que por muito tempo foram negadas. Nesse sentido, o Participante 6 afirma que:

[...] ter a escola quilombola que a gente tá na luta, a gente já tem uma, tem outra pra ser construída a estadual, se a gente conseguir ter uma educação toda contextualizada né? Conseguir que os nossos jovens, aí você é um exemplo vão estudar e voltem a atuar na comunidade, eu acho que a gente vai ter um ciclo fechado. Eu sonho isso que a gente tenha esse ciclo desde da maternidade até o ensino superior né? [...] (Participante 6, 2023).

O Participante relata seu sonho em relação a educação no Território, esse sonho demonstra a preocupação com o cenário educacional do Território.

Nesse contexto socializo, a seguir, alguns dos sonhos expressos pelos/as Participantes desta pesquisa.

O Participante 5, compartilhou que seu sonho é:

[...] que a gente tivesse uma formação específica de qualidade né, custeada pelo poder público que é direito deles, então era um pouco disso que essa, que essa proposta de educação ela seja desenvolvida na sua totalidade (Participante 5, 2023).

Pode-se observar que existe uma relação nos sonhos dos participantes 6 e 5, que colocam a educação escolar Quilombola como principal.

A participante 3, relatou que:

Então meu sonho, e eu não vou desistir, é que um dia nossa comunidade esteja em comum acordo né? E lutar junto pra que realmente a nossa educação escolar Quilombola esteja praticada, esteja é efetiva e praticada em cada um, não só do ambiente escolar, mas fora dele também (Participante 3, 2023).

A Participante 3, transmite em sua fala um pertencimento ao Território, pois se coloca como uma das pessoas que estará sempre disposta a lutar pelo Território.

A Participante 1, refletindo, afirmou que:

[...] eu tenho um sonho, um sonho que a gente se veja, seja visualizado nos livros, eu tenho um sonho de, de ver a minha mãe, uma música dela do reisado nos livros pedagógicos, livros didáticos, de ver tia Juana os benditos, ver a cultura. Eu tenho um sonho muito grande de, de nós ver nos livros didáticos e não mais como negro amarrado, chicoteado, porque a aquela imagem matou o sonho de muitas crianças, inclusive o meu sonho né? Eu não me enxergava como mulher negra e nem como mulher potente, porque o que eu vi nos livros que eu estudava era que, sempre tava algemado, apanhando ou trabalhado, para alguém branco como ama de leite, então eu tenho um sonho de ver Zumbi, Akotirene, é Aplautine, Terezinha de Brngala nas capas dos livros, não só, não só das escolas Quilombolas, mas de todas as escolas [...] (Participante 1, 2023).

A Participante 1, relaciona seu sonho a conquista da liberdade e ressalta a importância dos conhecimentos do seu povo e seu anseio para que os mesmos possam ser vistos como matérias pedagógicas para a educação específica Quilombola.

Nesse sentido, ressaltou-se a perspectiva de que as conquistas do Território não devem parar por aí, a medida em que as pessoas, que participam ativamente das lutas se mostram conscientes da necessidade de manutenção e aplicação da luta e se colocam a sonhar com outras conquistas para o Território.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, teve como objetivo geral compreender o processo de conquista, pelo direito a educação quilombola no Território Águas do Velho Chico. Portanto, a partir dessa pesquisa, pode-se compreender que na trajetória de luta do Território Quilombola Águas do Velho Chico, que a conquista a educação quilombola foi fruto de muitos estudos e luta coletiva, que ocorreram a partir do reconhecimento quilombola das comunidades Mata, Caatinginha, Remanso, Umburana e Vitorino, que juntas constitui o Território Quilombola Águas do Velho Chico.

A pesquisa revelou, que a conquista da educação quilombola se deu pelo processo de educação popular, pois ao mesmo tempo que se buscava conhecer, construir e valorizar memórias das comunidades os moradores educavam-se a si mesmos, nesse sentido, as mobilizações sociais e parcerias com outras comunidades quilombolas, como Conceição das Crioulas na busca por formações fortaleceram os conhecimentos dos moradores acerca da luta e dos direitos quilombolas.

Nesse contexto, por meio desse trabalho, foi possível conhecer como se deu o processo de formação, o contexto histórico, cultural e educacional do Território Águas do Velho Chico, que passou por um processo de reconhecimento histórico, tendo como principal influência a cultural local, reconhecida durante um processo de formação do povo pelo próprio povo, nesse sentido, ao longo da pesquisa são identificados aspectos históricos e culturais, como o conhecimento dos mais velhos, histórias da formação das comunidades quilombolas, os primeiros moradores, grau de parentesco, manifestações culturais presentes nas comunidades como reisado, São Gonçalo e penitentes.

A pesquisa revelou que esses aspectos nortearam a escrita do livro de tombo, que partiu dos movimentos religiosos, com objetivo de construção da história das comunidades quilombolas a partir dos conhecimentos empíricos dos moradores especificamente dos mais velhos, sendo esses os principais colaboradores.

A pesquisa apontou ainda que, a valorização da história das comunidades contribuiu com o processo de organização do Território Quilombola Águas do Velho Chico e desmistificação a imagem que se tinha do negro, decorrente do preconceito estrutural, que ocasionou um apagamento na história e negação de uma identidade a população negra. Nesse sentido, a educação quilombola contribuiu de forma positiva na valorização da memória do povo quilombola, pois por meio dela pode-se trabalhar à cultura negra que vinha se perdendo

em todos os espaços do Território, dessa maneira, atingindo um maior número de pessoas e valorizando os conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas.

Os resultados da pesquisa, informaram ainda que, com o reconhecimento quilombola das comunidades Mata, Caatinginha, Remanso, Umburana e Vitorino, houve a preocupação dos representantes das associações que constituem a comissão quilombola do município de Orocó, em mobilizar a população na busca por políticas públicas específicas, como educação quilombola, saúde quilombola, agricultura quilombola, afim de valorizar a cultura e especificidades do Território, tendo como principal anseio a luta pela educação quilombola, que partiu dos principais agentes: comissão, professores, mais velhos e a população das comunidades como um todo.

Nesse contexto, figuras como Raimundo, Jacielma, Jeferson e João Belo, foram lembradas pelos participantes da pesquisa como pedras fundamentais na constituição da luta pela educação quilombola.

A partir dos resultados obtidos na pesquisa, pode-se conhecer as principais conquistas do Território que são frutos de uma luta organizada, e fortalecida pela educação quilombola. Os participantes apontaram ao longo da pesquisa conquistas tais como: auto identificação das comunidades como remanescentes de quilombo, pertencimento ao povo negro acerca da luta negra por parte dos moradores, aquisição de casas pelo Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) pela Caixa Econômica Federal, valorização e melhores oportunidades de produção da agricultura familiar por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), construção da Escola Quilombola Águas do Velho Chico, aprovação das Diretrizes Curriculares Municipais da Educação Escolar Quilombola, quadro de profissionais formados e aptos a trabalharem dentro do Território e o direito a educação quilombola tida como uma das maiores conquistas.

Portanto, nesse contexto, os participantes apontaram que a educação quilombola contribuiu com o Território Quilombola Águas do Velho Chico, no reconhecimento identitário, valorização da oralidade, reconhecimento das contribuições dos conhecimentos sociais e culturais no contexto escolar, aproximação entre escola e comunidade, valorização da vivência com os mais velhos das comunidades, seja no ambiente escolar, familiar, social ou religioso, maiores oportunidades de trabalho dentro das comunidades, pois os profissionais da educação e saúde passaram a ser do Território.

Outra importante contribuição foi a procura dos jovens quilombolas pelo ensino técnico e superior, resultado das mobilizações e processos identitários formativos, consequência da formação que se fez na luta pela luta, reforçou a perspectiva de busca pelo profissionalismo.

Vale salientar, que durante o processo de luta pelo direito a educação quilombola no Território Quilombola Águas do Velho Chico, a pesquisa apontou algumas dificuldades como resistência por parte dos moradores que não se sentiam pertencentes ao povo negro, nesse sentido os participantes da pesquisa relataram que foi preciso desmistificar o pensamento que se tinha do negro. Outra dificuldade relatada ao longo da pesquisa, foi a falta de reconhecimento do poder público local, que dificultou a conquista da educação quilombola, pois os participantes relataram que tiveram que convencer o poder público da necessidade de uma educação que valorizasse sua cultura e identidade, e eles muitas vezes se negavam a aceitar projetos que garantisse uma educação específica de direito.

Nesse contexto, a partir dos dados da pesquisa foi possível perceber que a não aceitação de leis e projetos voltados a educação quilombola, saúde quilombola, cultura quilombola por parte do poder municipal foi um dos pontos impactantes no processo de luta, pois o Território teve que sensibilizar o poder público acerca dos seus direitos. Após garantia do direito à educação quilombola, outra dificuldade observada em relação aos dados da pesquisa, são os impasses nas discussões sobre educação quilombola no município, falta de formações e materiais didáticos específicos para o desenvolvimento dessa educação, esses elementos revelam que infelizmente a luta é constante para que a educação quilombola ocorra de forma efetiva.

Desse modo, este estudo serviu para revelar um pouco de como foi a trajetória de luta do povo quilombola do Território Águas do Velho Chico, o referido estudo, oferece alguns instrumentos que podem servir ainda mais para a constituição das lutas, o reconhecimento cultural e as práticas educacionais desse povo. Em termos científicos, essa pesquisa pode ser um aporte para o desenvolvimento de novas pesquisas acadêmicas.

Nessa perspectiva, acredita-se que esse trabalho se consolida enquanto uma fonte de subsídios, que podem contribuir com o levantamento de informações importantes sobre o Território Quilombola Águas do Velho Chico. Tornando-se um elemento importante no sentido de dar vazão a outras pesquisas, pois faz-se necessário pesquisar por exemplo, como se dá efetivamente, a prática escolar na educação quilombola no território, espaço contextualizado nessa pesquisa.

Ainda é importante para futuras pesquisas problematizarem o como os diferentes sujeitos vão se colocando na luta quilombola; a questão das práticas socioeconômicas do território, entre elas a questão da agricultura familiar, a valorização de produções tradicionais;

é necessário ainda, pesquisas que trabalhem na perspectiva da etnomatemática dentro do currículo da escola quilombola Águas do Velho Chico.

É interessante que outros trabalhos possam vir no sentido de apontar a inserção de diferentes sujeitos na luta quilombola, como por exemplo, a pesquisa observou um possível protagonismo das mulheres, tal protagonismo pode ser uma problemática investigativa “frutífera” à diversos campos do conhecimento.

São inúmeros os caminhos apontados por esse estudo, para novos trabalhos, daí um desafio para novos pesquisadores, principalmente para os jovens do Território Águas do Velho Chico, tendo em vista que, um dos desejos apontados pelos participantes é que os próprios sujeitos do território possam, cada vez mais, adentrar os espaços acadêmicos e contribuir na valorização e luta de suas comunidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Márcia. R. G. de; NASCIMENTO, Elaine. F do. Ocupação, produção e resistência: terras quilombolas e o lento caminho das titulações. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 23, n. 4, p. 945-958, out./dez. 2022.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **Anais In: Congresso Nacional de Educação**, 10., 2011. Anais... Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1714932-Snowball-bola-de-neve-uma-tecnica-metodologica-para-pesquisa-em-educacao-ambiental-comunitaria.html>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BARBOSA, Dayane Dias. **As políticas públicas educacionais para a educação escolar quilombola na comunidade Sítio Barro Vermelho- São Caetano/PE: por uma educação diferenciada**. 2020. Monografia (Licenciatura em pedagogia) - Curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

BARROS, Adilson. J. P de; LEHFELD, Neide. A. de S. **Projeto de pesquisa: Proposta metodológicas**. 23ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CARNEIRO, Edison de Souza. **O quilombo dos Palmares**. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1958 [1957].

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, abr. -jun. 2017.

CURVELO, Maely Carlos da Silva. **O direito à educação quilombola: Quilombolas, Escolas e Projetos Políticos Pedagógicos em Bom Conselho-PE**. 2018. Monografia (Graduação em pedagogia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns/PE, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversando sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

IBGE, **Censo demográfico 2022 quilombolas primeiros resultados do universo**. Instituto Brasileiro de geografia e estatística – IBGE. Rio de Janeiro. 2023.

IBGE. Orocó. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/oroco/panorama> acesso em 12/11/2022

IBGE. **Quilombolas no Brasil**. Educa. Jovens-IBGE. Disponível <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombola...> Acesso em: 13/11/2022

INCRA. **Regularização de Território Quilombola: perguntas e respostas**. 13, abril. 2017.

MEC. **Orientação e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD. 2010.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2ª. ed. Atual e ampl. São Paulo: Altas, 2009.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MPF, conseguiu liminar para regularização de comunidade quilombola em Orocó (PE), 2022. Disponível em < <https://mpf.mp.br/pe/sala-deimprensa/noticias-pe/mpf-consegue-liminar-para-reglarizacao-de-comunidadesquilombola-em-oroco-pe> >. Acesso em 20/11/2022.

PEREIRA, Jeferson da Silva. **A convenção N° 169 da OIT e os desafios para Construção dos protocolos comunitários de consulta no Território Quilombola Águas do Velho Chico/Orocó/PE**. 2019. Monografia (Curso de direito) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

VELASCO, Clara. **Censo do IBGE: a cada 10 municípios do Brasil, 3 têm moradores quilombolas; veja mapa e consulte sua cidade**: Dados inéditos sobre população quilombola no país foram divulgados nesta quinta-feira (27) pelo IBGE. Mais de 1,3 milhão de brasileiros se autodeclararam quilombolas. [S. l.], 27 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/07/27/censo-do-ibge-a-cada-10-municipios-do-brasil-3-tem-moradores-quilombolas-veja-mapa-e-consulte-sua-cidade.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS (AS) MORADORES E MORADOR (AS)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: “Direito à Educação e Luta Social: O Território Águas do Velho Chico/PE e a Educação Quilombola”.

Nome da Pesquisadora responsável: Vanússia Alves Souza Carinhonha

Você está sendo convidado/a a participar desta pesquisa que busca compreender o processo de conquista, pelo direito a Educação Quilombola no Território Águas do Velho Chico.

Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

Envolvimento na pesquisa: Os membros das comunidades quilombolas participarão da pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução vigente.

Riscos, desconfortos e benefícios: A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, contudo a participação na pesquisa ocasiona risco de caráter subjetivo que poderá se concretizar por meio de constrangimentos ou vergonha dos participantes da pesquisa no ato de os moradores responderem às entrevistas semiestruturadas e serem observados, o que poderá ocasionar danos à dimensão psíquica nos/as participantes, sendo assim, os membros das comunidades quilombolas terá o direito de interromper a pesquisa a qualquer momento. Para mitigar esse risco, as coletas de informações serão reservadas e individualizadas, os horários serão escolhidos pelo/a participante com o intuito de não atrapalhar sua rotina pessoal e de trabalho. Outro risco considerado mínimo será quanto a contaminação por covid-19, no qual será utilizado todas as medidas sanitárias recomendadas devido à pandemia do novo coronavírus a por exemplo: uso de máscaras durante as entrevistas, uso de álcool para higienização, não compartilhamento de canetas ou outros objetos, aferição da temperatura antes da entrevista, entre outras. A pesquisadora será preparada pela sua orientadora, para realiza

entrevistas de forma neutra, sem emitir juízo de valor para não gerar nenhum constrangimento psicológico por parte dos (as) entrevistados (as). Os/as participantes não serão submetidos/as a nenhum procedimento que as prejudique (pesquisa não invasiva fisicamente), e não precisarão gastar dos seus próprios recursos financeiros para participar da pesquisa. Porém, se isso acontecer, a pesquisadora será a responsável. Havendo algum dano desencadeado pela pesquisa, todos (as) os (as) participantes terão direito a assistência integral e imediata no tempo necessário na rede pública de saúde (SUS) mais próxima. Em relação aos benefícios, os (as) participantes não serão beneficiados (as) diretamente, entretanto poderão fazer uso dos resultados da análise passando a conhecer a contribuição que possuem em seus cotidianos.

Garantias éticas: A pesquisa obedecerá as Resoluções 466/2012 e 510/2016 que regulamentam as pesquisas com seres humanos. Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você terá liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: É garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos (as) participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente a(s) pesquisador(as) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora por um período mínimo de 5 (cinco) anos, e que só após esse período poderão ser destruídos, e que o (a) participante tem direito a solicitá-los a qualquer momento durante esse período.

Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos, filmagens, bem como outros instrumentos similares ou equivalentes) ficarão armazenados em pastas de arquivo ou computador pessoal, sob a responsabilidade das pesquisadoras, pelo período de no mínimo 05 anos. O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelas pesquisadoras (ressarcimento de transporte e alimentação).

É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com a(s) pesquisador(as). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com a(s) pesquisador(as) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas uma das quais ficará com o senhor (a) e a outra com a(s) pesquisador(as).

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

_____, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Vanússia Alves Souza Carinhanha
Nome da Pesquisadora responsável pela aplicação do TCLE

Assinatura da Pesquisadora responsável pela aplicação do TCLE

Equipe de Pesquisadoras:

Vanússia Alves Souza Carinhanha (pesquisadora responsável) (e-mail: vanusia.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br; tel. (87) 99113-2777)

Cristiane Moraes Marinho (professora orientadora) (e-mail: cristiane.marinho@ifsertao-pe.edu.br; tel. (87) 9883-8384)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do IF SERTÃO-PE no endereço: Reitoria - Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa>, cep@ifsertao-pe.edu.br; ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, conep.cep@saude.gov.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA
FINS DE PESQUISA**

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *Direito à Educação e Luta Social: O Território Águas do Velho Chico/PE e a Educação Quilombola*, sob responsabilidade de *Vanúzia Alves Souza Carinhanha* vinculado(a) ao Colegiado Acadêmico de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, *Campus* Santa Maria da Boa Vista/PE.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa.

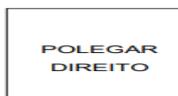
Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)



Assinatura do (a) participante

Local, ____ de _____ de _____

QUESTIONÁRIO

1. DADOS PESSOAIS:

- Nome _____
- Data de nascimento ____/____/____ Local: _____
- Origem e profissão dos pais:
Mae: _____
Pai: _____

- Lugar onde cresceu: _____
- Local onde reside: _____

2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

- Grau de instrução? _____
- Onde estudou (grau maior)? _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS (AS) MORADORES E MORADOR (AS)

1 – Você poderia contar um pouco da sua história no Território Águas do Velho Chico?

2 – Para você quais aspectos históricos contribuíram com a identificação do Território Águas do Velho Chico como quilombola?

3 – No Território há manifestações culturais? Fale um pouco sobre.

4 - Na sua opinião de qual forma a história e a cultura local, é vivenciada no processo de ensino aprendizagem?

5 – Você sabe por que o Território Águas do Velho Chico é constituído por cinco comunidades? Quais as especificidades que contribuíram para isso?

6 – Existem lideranças no Território Quilombola Águas do Velho Chico? De qual forma elas atuam nas comunidades?

7 – Quem são os principais agentes na luta pela educação específica no Território Águas do Velho Chico?

8 – Para você quais as principais conquistas do Território Águas do Velho Chico?

9 – Para você o que é educação específica? E como ela precisa acontecer?

10 – Na sua opinião quais as contribuições que a educação Quilombola proporciona ao Território Águas do Velho Chico? Essas contribuições valorizam a identidade quilombola dos moradores do Território?

11 - Você poderia falar como é, e há quanto tempo é vivenciada a educação Quilombola no Território Águas do Velho Chico? - Qual o principal objetivo dessa educação trabalhada no Território?

12 - Você pode falar um pouco sobre o que as atividades educacionais desenvolvidas no Território podem proporcionar aos moradores? E qual a importância de todos os moradores estarem presentes nesses eventos?

13 - Como ocorreu o processo de luta pelo direito a educação específica no Território Águas do Velho Chico? Quais foram as principais dificuldades nesse processo?

14 - Existe participação dos representantes do Território Quilombola Águas do Velho Chico na política educacional do município?

15 - Para você houve resistência dos moradores do Território Águas do Velho Chico na aceitação da educação específica?

16 – Ao seu ver quais são os desafios de se trabalhar uma educação específica nas escolas do Território Águas do Velho Chico?

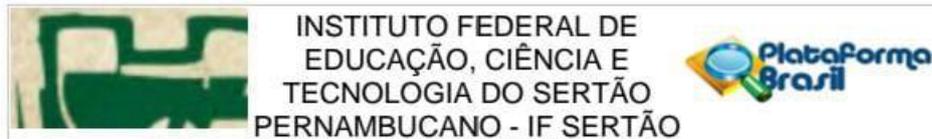
17 - Você sabe se o Território tem apoio do governo municipal de Orocó-PE, no que diz respeito a garantia da educação Quilombola?

- Existe materiais pedagógicos e formação específica que garantem que a educação seja de fato vivenciada?

18 - Você tem algum sonho em relação a educação no Território?

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DIREITO À EDUCAÇÃO E LUTA SOCIAL: O TERRITÓRIO ÁGUAS DO VELHO CHICO/PE E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Pesquisador: Cristiane Moraes Marinho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68514123.4.0000.8052

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO SERTAO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.066.137

Apresentação do Projeto:

1.1 O projeto é um TCC de graduação em Licenciatura em Matemática do IF Sertão Pernambucano, campus Santa Maria da Boa Vista, da estudante Vanúzia Alves Souza Carinhanha, sob orientação da professora Cristiane Marinho. Todos os membros da equipe do projeto estão devidamente cadastrados na PB.

1.2 O projeto pretende discutir sobre o direito à "educação escolar quilombola, lutas e conquistas, no Território Águas do Velho Chico localizado no município de Orocó-PE". Visa contribuir de forma significativa com o Território Águas do Velho Chico, "dando visibilidade e contribuindo com o reconhecimento histórico, cultural e educacional do mesmo, espera-se também que essa pesquisa seja fonte informativa para a sociedade e que possa contribuir com o desenvolvimento de outros trabalhos acadêmicos sobre o Território Águas do Velho Chico".

1.3 A proposta deste projeto é realizar "uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa", que englobará, em sua coleta de dados, aspectos de "pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista semiestruturada".

1.4 O projeto apresenta todos os itens necessários à análise ética.

Endereço: Rua Aristarco Lopes, 240, 2º andar, sala 46.
Bairro: CENTRO **CEP:** 56.302-100
UF: PE **Município:** PETROLINA
Telefone: (87)2101-2364 **E-mail:** cep@ifsertao-pe.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO



Continuação do Parecer: 6.066.137

1.5 A realização desse trabalho irá valorizar e ajudar na compreensão do contexto histórico e cultural, além de da relevância a educação quilombola no Território Águas do Velho Chico, vai servir, também, como material científico, para elaboração de outros trabalhos acadêmicos.

Objetivo da Pesquisa:

2. OBJETIVOS

Objetivo Primário:

Compreender o processo de conquista, pelo direito a Educação Quilombola no Território Águas do Velho Chico.

Objetivos Secundários:

- Identificar aspectos históricos e culturais do Território Águas do Velho Chico;
- Identificar os principais agentes na luta pela educação Quilombola
- Conhecer as principais conquistas do Território Quilombola Águas do Velho Chico;
- Analisar as contribuições da educação Quilombola na valorização do Território Águas do Velho Chico;
- Identificar as principais dificuldades do processo de luta pelo direito a Educação Quilombola no Território Águas do Velho Chico.

2. 1 Os objetivos de pesquisa são claros, estão alinhados com a metodologia proposta e são exequíveis dentro do cronograma apresentado; a metodologia está bem descrita no projeto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

3. RISCOS E BENEFÍCIOS

A pesquisadora afirma que na pesquisa em análise, os riscos que podem ocorrer serão mínimos, podendo acontecer "constrangimento e desconforto ao responder a entrevista ou serem observados, os desconfortos podendo ser de origem psicológica, emocional e intelectual nos participantes, sendo assim, os participantes terão o direito de interromper a pesquisa a qualquer momento. Para mitigar esse risco, a pesquisadora responsável será treinada pela orientadora para não causar constrangimentos, não emitir juízo de valor, bem como a aplicação das demais ferramentas, serão reservadas e individualizadas, os horários serão escolhidos pelos/as participantes com o intuito de não atrapalhar sua rotina pessoal e de trabalho. Outro risco considerado mínimo será quanto a contaminação por covid-19, no qual será utilizado

Endereço: Rua Aristarco Lopes, 240, 2º andar, sala 46.

Bairro: CENTRO

CEP: 56.302-100

UF: PE

Município: PETROLINA

Telefone: (87)2101-2364

E-mail: cep@ifsertao-pe.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO



Continuação do Parecer: 6.066.137

todas as medidas sanitárias recomendadas devido à pandemia do novo coronavírus (uso de máscaras e álcool gel)". Sobre os benefícios, a pesquisadora pontua que "as/os entrevistados/as não serão beneficiados/as diretamente, entretanto poderão fazer uso dos resultados da análise quando poderão conhecer as contribuições do estudo para a compreensão das lutas pela Educação Quilombola no Território Águas do Velho Chico".

3.1 A avaliação dos riscos está coerente, informando possíveis riscos envolvidos neste estudo. A análise dos benefícios está sintética, mas compatível com o projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

4. O projeto apresenta adequadamente os seguintes itens necessários para a análise ética: tema, objeto da pesquisa, relevância social, local de realização da pesquisa, população a ser estudada, garantias éticas aos participantes da pesquisa, método a ser utilizado, critérios de inclusão e exclusão, cronograma, orçamento e divulgação dos resultados do estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

5. O projeto apresenta adequadamente todos os termos obrigatórios, a saber: TCLE, Termo de Sigilo e de Compromisso das pesquisadoras, Folha de rosto, Cartas de Anuência das comunidades onde a pesquisa acontecerá. Apresenta-se, também, o Termos de Uso de Imagem e Som, que deverá ser assinado pelo participante da pesquisa (este diz respeito, apenas, para auxiliar no levantamento de dados).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

7. No que concerne aos aspectos éticos, o projeto está aprovado. Adicionalmente, o pesquisador principal deve:

- Atentar-se ao prazo para o envio do relatório parcial (quando houver alteração no projeto, a qualquer tempo) e/ou final das atividades desenvolvidas (12 meses a partir da data de aprovação do parecer consubstanciado);

- Enviar ao CEP, juntamente com o relatório final (modelo disponível na página do IF Sertão-PE), um exemplar digitalizado de cada termo (TCLE, TCLE para Pais/Responsáveis e/ou TALE, conforme o caso), bem como uma declaração afirmando que todos os demais termos passaram pelo mesmo procedimento;

Endereço: Rua Aristarco Lopes, 240, 2º andar, sala 46.

Bairro: CENTRO

CEP: 56.302-100

UF: PE

Município: PETROLINA

Telefone: (87)2101-2364

E-mail: cep@ifsertao-pe.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO



Continuação do Parecer: 6.066.137

- Informar ao CEP, a qualquer tempo, caso ocorram mudanças no projeto (metodologia, cronograma, número de participantes, etc) que tenham implicação ética em sua execução;

- Procurar o CEP, a qualquer tempo, para tirar quaisquer dúvidas em relação aos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, ou demais informações que necessite.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2089116.pdf	14/05/2023 18:08:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	VANUSIAPROJETOFINALTOTAL1405.pdf	14/05/2023 18:07:09	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_CompromissoAJUSTADO.pdf	14/05/2023 18:06:54	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Outros	cartaanuencia.pdf	04/04/2023 14:49:44	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Outros	AnuenciaComunidadeRemanso.pdf	04/04/2023 14:49:01	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Outros	AnuenciaComunidadeMatadeSaoJose.pdf	04/04/2023 14:48:28	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Declaração de concordância	anuenciaComunidadeCaatiguinha.pdf	04/04/2023 14:47:12	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Outros	termodeautorizacaodeusodeimagemesom.pdf	29/03/2023 11:28:52	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Orçamento	ORcAMANTOVANUSIAPROJETOFINALTOTAL2.pdf	29/03/2023 11:26:48	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Outros	RESPOSTACEP.pdf	29/03/2023 11:25:59	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	ROTEIROENTREVISTA.pdf	29/03/2023 11:23:57	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Outros	cartadeanuencia4.jpg	29/03/2023 11:21:43	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ATUALIZADOVANUSIAPROJETO.pdf	29/03/2023 11:16:24	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Cronograma	AtualizadoCRONOGRAMAVANUSIAPROJETOFINALTOTAL.pdf	29/03/2023 11:12:33	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLEATUALIZADOpesquisa.pdf	29/03/2023 11:05:31	Cristiane Moraes Marinho	Aceito

Endereço: Rua Aristarco Lopes, 240, 2º andar, sala 46.

Bairro: CENTRO

CEP: 56.302-100

UF: PE

Município: PETROLINA

Telefone: (87)2101-2364

E-mail: cep@ifsertao-pe.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO



Continuação do Parecer: 6.066.137

Justificativa de Ausência	TCLEATUALIZADOpesquisa.pdf	29/03/2023 11:05:31	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto2assinada.pdf	13/02/2023 22:53:30	Cristiane Moraes Marinho	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodeCompromissoesigilodopesquisador.pdf	13/02/2023 22:44:55	Cristiane Moraes Marinho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PETROLINA, 18 de Maio de 2023

Assinado por:
Ednaldo Gomes da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Aristarco Lopes, 240, 2º andar, sala 46.

Bairro: CENTRO

CEP: 56.302-100

UF: PE

Município: PETROLINA

Telefone: (87)2101-2364

E-mail: cep@ifsertao-pe.edu.br